

Confinamento domiciliar, qualidade de vida e desempenho acadêmico de estudantes de psicologia durante a pandemia do novo coronavírus

Home confinement, quality of life and academic performance of psychology students throughout the new coronavirus pandemic

Confinamiento doméstico, calidad de vida y desempeño académico de estudiantes de psicología durante la pandemia del nuevo coronavirus

Recebido: 24/09/2021 | Revisado: 29/09/2021 | Aceito: 30/09/2021 | Publicado: 03/10/2021

Gilnison Ramos da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1478-9888>
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
E-mail: gilnison.ramos@ip.ufal.br

Antonio Carlos Silva Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6011-3002>
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
E-mail: ascosta@gmail.com

Resumo

A COVID-19 é uma doença contagiosa, de proporções ainda imensuráveis, provocada pelo SARS-CoV-2 (novo coronavírus). Diante desse cenário, vivemos um grande desafio, para o qual ainda não temos todas as respostas. Este estudo objetivou investigar a influência da pandemia na qualidade de vida e sua relação com a permanência dos (as) estudantes matriculados (as) no curso de Psicologia do *campus* A. C. Simões da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Trata-se de uma pesquisa quantitativa, com dados obtidos através da aplicação do instrumento de escala do tipo Likert, acrescido de inventário situacional, sociodemográfico e avaliação de qualidade de vida, através da ferramenta WHOQOL-bref. A partir dos resultados foi possível revelar um sentimento de mais ou menos contemplados às diversas consequências na qualidade de vida e nos impactos significativos nesse processo, principalmente na forma como viveremos e trabalharemos. O diálogo sobre práticas de cuidado e novos procedimentos para o funcionamento das aulas, aprendizagem e componentes administrativos serão dotados pela virtualidade em substituição ao suporte presencial. Os resultados sugerem que a o contexto pandêmico pode ser considerado um determinante que afeta diferentes dimensões da vida dos (as) estudantes e que, diante de tais mudanças, as transformações digitais passarão a protagonizar a vida dentro e fora das universidades.

Palavras-chave: Qualidade de vida; Estudantes; Curso de psicologia; Pandemia; Isolamento social.

Abstract

COVID-19 is a contagious disease, of immeasurable proportions, caused by SARS-CoV-2 (new coronavirus). Due to this scenario, we are facing a great challenge, for which we still don't have all the answers. This study aimed to investigate the influence of the pandemic on quality of life and its relationship with the permanence of students enrolled in the Psychology course at *campus* AC Simões, Federal University of Alagoas. This is a quantitative research, obtained with the application of the Likert-type scale instrument added by a situational and sociodemographic inventory and the assessment of quality of life through the WHOQOL-bref tool. Based on the research results, it was possible to reflect a feeling of being more or less covered by the various consequences on quality of life and the significant impacts in this process, especially in the way we will live and work. Dialogue on care practices and new procedures for the functioning of classes, learning and administrative components will be endowed with virtuality in place of face-to-face support. The results suggest that the pandemic situation can be considered a determinant that affects different dimensions of students' lives and, in view of such changes, digital transformations will come to play a leading role in life inside and outside universities.

Keywords: Quality of life; Students; Psychology course; Pandemic; Social isolation.

Resumen

COVID-19 es una enfermedad contagiosa, de proporciones inconmensurables, causada por el SARS-CoV-2 (nuevo coronavirus). Ante este escenario, enfrentamos a un gran desafío, aún no tenemos todas las respuestas. Este estudio tuvo como objetivo investigar la influencia de la pandemia en la calidad de vida y su relación con la permanencia de los estudiantes matriculados en el curso de Psicología en el *campus* A. C. Simões de la Universidad Federal de

Alagoas (UFAL). Se trata de una investigación cuantitativa, con datos obtenidos mediante la aplicación de un instrumento de escala tipo Likert, inventario situacional, sociodemográfico y evaluación de la calidad de vida, a través de la herramienta WHOQOL-bref. A partir de los resultados se pudo evidenciar un sentimiento de estar más o menos cubiertos por las diversas consecuencias sobre la calidad de vida y los impactos significativos en este proceso, especialmente en la forma en que viviremos y trabajaremos. Se dotará de virtualidad al diálogo sobre prácticas asistenciales y nuevos procedimientos para el funcionamiento de las clases, componentes de aprendizaje y administrativos en lugar del apoyo presencial. Los resultados sugieren que el contexto pandémico puede ser considerado un determinante que afecta a diferentes dimensiones de la vida de los estudiantes y que, ante tales cambios, las transformaciones digitales pasarán a tener un papel protagónico en la vida dentro y fuera de las universidades.

Palabras clave: Calidad de vida; Estudiantes; Curso de psicología; Pandemia; Aislamiento social.

1. Introdução

Discutir os novos caminhos, desafios e expectativas para o campo da educação de forma integrada em tempos de pandemia é tão importante quanto as medidas de proteção, pois a educação é uma ação formada de diversos atores – família, espaço, professores (as) e estudantes –, exigindo ajustes e acompanhamento permanente (Silva, et al., 2020). Intervindo nesses caminhos a partir do manejo das competências, dos saberes científicos, políticos e éticos, a educação, como ressalta Freire (2014, p. 24), tem o relevante papel de “[...] defender uma prática em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra”.

Inicialmente a pandemia provocou desconforto geral, posta a exigência de adaptação das rotinas (Badin, et al., 2020), além de colocar o desafio de se repensar a escola, retirando a tradicional sala de aula e redimensionando as práticas para outras formas de realização das aulas, novos modelos e espaços de formação e mediação do conhecimento (Kirchner, 2020).

Os efeitos e a aplicação de tais práticas na comunidade acadêmica – especialmente para estudantes de determinado curso de graduação, que sofreu interrupções significativas no modelo pedagógico de ensino –, nos motivaram a dialogar sobre os vieses do confinamento e a percepção de bem-estar.

Contudo, diante da emergência ocasionada pela pandemia do novo coronavírus e a declaração de Emergência de Saúde Pública Mundial, emitida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2020, surgiram outros anseios e inquietações que motivaram a execução da pesquisa que resultou neste artigo, que não discutirá a clínica da doença, mas buscará investigar e compreender a percepção quanto à saúde e qualidade de vida do grupo estudado.

No entanto, observa-se que o conceito de qualidade de vida pode ser encontrado na literatura a partir de diversos pontos de vista, com noções resultantes de construção coletiva, da cultura e dos padrões de conforto e saúde (Buss, et al., 2020; Maia & Dias, 2020; Makuch & Zagonel, 2017; Santos, 2014; Delle Fave, et al., 2013; Faro, 2013; Almeida, et al., 2009; OMS, 1998).

Nesse ínterim, as indefinições ocasionadas por imprecisões conceituais podem gerar danos, conflitos e imprimir insegurança nos estudantes. Como forma de garantir que o processo educativo transcorra de modo permanente e ininterrupto, a academia precisa estar atenta às crises e apresentar soluções razoáveis e seguras.

De acordo com Silva, et al., (2020), o desafio de se desfazer de parte dessa crise, ancorada em processos pedagógicos baseados na replicação de conteúdo, nortearam por anos o modo de funcionamento, indo de encontro ao chegado tempo em que a informação está ao alcance de um ou dois toques e na palma da mão. Todavia, mesmo em situações de crises globais, é necessário que o indivíduo possa perceber e assumir o protagonismo na vida nos objetivos, expectativas e preocupações diante das diferentes conotações advindas de cada época e do contexto (OMS, 2002).

De acordo com Kirchner (2020), a pandemia trouxe muitos desafios, mas também inúmeras possibilidades de mudanças e podemos dizer que vivemos em um tempo de ousadia que nos coloca em busca de respostas para a enfrentar a

realidade do período de ruptura educacional. Ao reconhecer a situação de exceção por causa da pandemia da COVID-19, doença que se apresenta por uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (OMS, 2020).

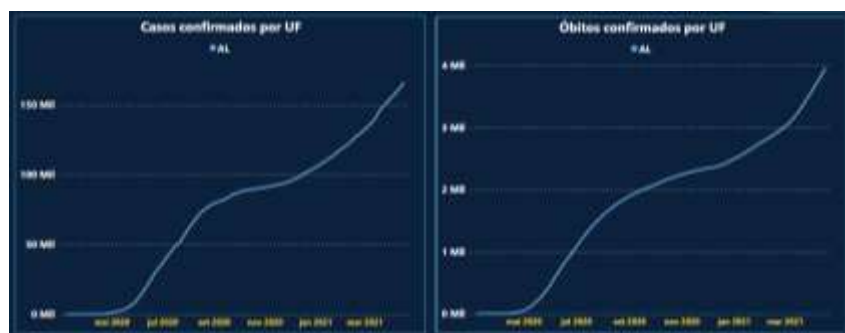
O vírus foi identificado inicialmente na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Entre as medidas de enfrentamento indicadas pelo Ministério da Saúde (MS) estão também as não farmacológicas, como distanciamento social, etiqueta respiratória, higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de pessoas com casos suspeitos, confirmados ou em quarentena – com variação possível entre assintomáticos, manifestações leves a moderadas, casos graves e até críticos (Brasil, 2021; Fiocruz, 2020; OMS, 2020).

Em nenhum outro momento a sociedade, os Estados, as escolas, as universidades e as empresas tiveram que (re)pensar de tal maneira novas estratégias de cooperação (Rambo, 2020). No cenário nacional, a pandemia é tratada de diferentes formas nas diversas regiões do país, pois o(s) governo(s) não lida(m) linearmente com medidas para enfrentamento ao vírus – podemos citar como exemplo a falta de gerenciamento e atuação conjunta entre o Governo Federal, estados e municípios. Vale acrescentar que a postura do chefe do governo tem influenciado negativamente em grande parte do comportamento da população ante as recomendações de distanciamento e isolamento social, fazendo crescer o número de infectados, as hospitalizações e mortes pelo vírus (Santos, et al., 2020).

O Governo do Estado de Alagoas, por sua vez, promulgou uma série de decretos visando incentivar a economia diante da pandemia causada pelo novo coronavírus, dentre eles os de nº 73.608 de 11 de março de 2021; 69.705, de 24 de abril de 2020 e 69.531, de 19 de março de 2020 (Alagoas, 2020a, 2021a).

Em 18 de abril de 2021, o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Estado da Saúde (Sesau) de Alagoas divulgou um total de 405.794 casos notificados, sendo: 9.510 casos em investigação, 166.708 casos confirmados e 229.576 casos descartados. Quanto aos casos de indivíduos recuperados e óbitos, respectivamente, foram notificados os números de 158.555 e 3.968 no período (Gráfico 1) (Alagoas, 2021b).

Gráfico 1 – Escala linear de comparação entre a série de casos e óbitos por COVID-19 em Alagoas de 08 de março 2020 até o dia 18 de abril de 2021, a cada mil habitantes.



Fonte: Secretaria de Estado da Saúde - Painel Covid-19 em Alagoas (2021).

Aponta-se o crescente número de casos e óbitos no estado. Dados atualizados em 31 de agosto de 2021 revelaram um total de 235.702 casos confirmados e 6.060 óbitos pela doença (Alagoas, 2021c). No que diz respeito ao campo da educação, os números são preocupantes pois inviabilizam o retorno das aulas presenciais. Embora a humanidade tivesse conhecimento de outras pandemias, o mundo ficou perplexo diante da disseminação descontrolada do novo coronavírus (Badin, et al., 2020). A crise causada pela pandemia resultou no encerramento das aulas nas escolas e universidades, afetando mais de 90% dos (as) estudantes em todo o mundo (Unesco, 2020).

Ressalta-se que, a partir do momento em que o indivíduo passou a viver em sociedade, deu-se o contato também com os agentes infecciosos, assim como a mutação e a evolução dos já existentes, ocasionando doenças endêmicas e epidêmicas, agravadas por problemas sociais e econômicos (Santos, 2020; Madureira, 2015). Informações precisas e confiáveis viabilizam a tomada de decisões conscientes e a adoção de comportamentos empáticos para que as pessoas protejam a si e seus entes queridos, no intuito de diminuir a velocidade de contaminação (Silva, et al., 2020).

Conforme Rambo (2020), assim que findada a pandemia, a expectativa é de que professores (as) e estudantes voltarão diferentes ao ambiente escolar. O autor acrescenta ainda que – pertinente ao confinamento, sacrifícios, regras, ansiedade, cuidados com a higiene, distanciamento entre as pessoas, falta de ânimo, valorização profissional etc. – o novo contexto fará com que os profissionais da educação e estudantes estejam modificados, ao menos do ponto de vista psicológico e comportamental.

Com vistas a mitigar as sequelas do cenário atual, considera-se relevantes os cuidados e atenção para a formação de psicólogos, dados os pressupostos da atuação profissional da categoria em tempos tão difíceis.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa transversal, descritiva, de análise quantitativa, que objetiva trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis, através da medição numérica, para estabelecer padrões de comportamento de sujeitos e/ou população (Sampieri, et al., 2013). Tal escolha propicia o uso da estatística, diante da potencialidade na análise de dados (Minayo & Sanches, 1993).

O estudo foi desenvolvido em uma universidade do nordeste brasileiro, compreendendo o curso de graduação de Psicologia de uma instituição de ensino pública do estado de Alagoas, por ser o cenário de prática de aprendizado e assistência à saúde psicológica da comunidade, em consonância com os objetivos do estudo.

Foram convidados todos os (as) 399 estudantes com matrícula ativa no curso, através de convite por e-mail em 4 momentos durante os meses de coleta. Diante das dificuldades de entrever a amostra, 59 estudantes participaram voluntariamente da pesquisa. Foram considerados como critérios de inclusão está com matrícula ativa e exclusão está com matrícula inativa.

Os aspectos éticos do estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFAL, formado por um colegiado interdisciplinar e independente, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPEP). Foi criado para defender os interesses dos participantes de pesquisas em sua integridade e dignidade dentro dos padrões ético-científicos (Brasil, 2012, 2016).

Este estudo foi aprovado em conformidade com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de número 466/12 e 510/2016, bem como pelo CEP/UFAL, sob parecer de número CAAE: 35166920.5.0000.5013. A coleta de dados do estudo foi realizada após a aprovação do CEP/UFAL, considerando o período entre setembro/2020 e outubro/2020.

Todos os pesquisados receberam esclarecimentos e orientações sobre a pesquisa e a participação se deu mediante formulário eletrônico, a concordância ao selecionar a opção de aceite e, posteriormente, do preenchimento das informações de e-mail pessoal e demais itens obrigatórios para participação no estudo.

Os dados foram construídos após a aprovação e reestruturação do estudo nos seminários de pesquisa ofertados como disciplinas obrigatórias no Mestrado Profissional em Ensino na Saúde (MPES). Sua obtenção se deu por meio da aplicação do instrumento escala do tipo Likert, acrescida de inventário situacional, sociodemográfico e avaliação de qualidade de vida.

Adotados os estudos da *World Health Organization, Quality of Life Group* (WHOQOL), que desenvolveu ferramentas dentro de uma perspectiva cultural para medir a qualidade de vida em adultos – entre elas, a versão abreviada do questionário,

chamado de WHOQOL-bref. Este questionário é composto por 26 questões agrupadas entre 4 domínios da vida – físico, psicológico, relações pessoais e ambiente –, sendo aplicável tanto à população saudável quanto a doente. Foi elaborado em 1998 por um grupo multicêntrico de interessados em estudos de qualidade de vida da OMS (Lopes & Macedo, 2013; Fleck, et al., 2003). A escolha deste questionário visa responder satisfatoriamente quanto à percepção que envolve a qualidade de vida, por ser uma ferramenta validada e conhecida internacionalmente.

A seguir, foi realizado um teste piloto para validação semântica, aplicado junto a 11 voluntários (as) da cidade de Maceió, escolhidos (as) por não fazerem parte da amostra final do estudo. Esta etapa contribuiu com o aprimoramento da ferramenta, por meio da análise da clareza, tempo médio de aplicação e o entendimento da pesquisa, como também na possível identificação de erros na formatação ou estrutura virtual – onde foi aprovado e medido o tempo médio das respostas e elucidações de dúvidas.

O instrumento foi apresentado aos (as) estudantes matriculados (as), através do *e-mail* institucional da coordenação do curso, disponibilizado eletronicamente, por meio do formulário *on-line* criado no *Google Forms*.

A análise estatística foi realizada por meio da ferramenta IBM SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS 23). Realizou-se, primeiramente, análise descritiva para conhecimento da distribuição dos dados em cada variável. As afirmativas de múltipla escolha do tipo Likert foram avaliadas por meio de análise estatística descritiva simples. Os dados coletados foram tratados e tabulados pelo próprio *Google Forms*, além de planilhas do Microsoft Office Excel, versão 2013.

As repercussões trouxeram previamente contribuições significativas para melhora da qualidade de vida, do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem, dentro de uma perspectiva empática, habilidade que possibilita produzir o acolhimento e vínculos importantes para refletir adiante sobre a relação no processo formativo dos futuros psicólogos, que cuidam e também precisam de cuidados, colaborando para o aprimoramento da formação.

3. Resultados e Discussão

Aponta-se um total de 399 estudantes matriculados (as) no semestre letivo 2020.1, sendo 277 do sexo feminino (69,4%) e 122 do sexo masculino (30,6%). Deste total, 59 (14,80%) responderam à pesquisa, 49 do sexo feminino (83,1%) e 10 do masculino (16,9%), o que demonstra a maior atuação de estudantes do sexo feminino no curso (Tabela 1) e matriculadas entre 2º e 10º períodos (Tabela 2).

Tabela 1 – Distribuição dos (as) estudantes da pesquisa de acordo com o sexo (designado (a) no nascimento), no Curso de Psicologia, 2020.

Sexo	Frequência	Porcentagem
Feminino	49	83,1
Masculino	10	16,9
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 2 – Distribuição dos (as) estudantes conforme o período matriculado (a) no Curso de Psicologia, 2020.

Período	Frequência	Porcentagem
2	10	16,9
3	8	13,6
4	2	3,4
5	4	6,8
6	8	13,6
7	5	8,5
8	4	6,8
9	8	13,6
10	10	16,9
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Encontra-se demonstrados, com a divulgação do perfil socioeconômico e cultural de todos (as) estudantes no âmbito da UFAL em 2019, os percentuais entre estudantes do sexo feminino (54,1%), masculino (45,6%) e sem declaração (0,3%), são bastantes assimétricos entre os dados do curso pesquisado (Tabela 1) (Ufal, 2020).

Constatou-se também, segundo o último censo de educação superior, que consiste em uma pesquisa estatística, realizado ainda em 2019 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que, nacionalmente, o curso de Psicologia possui presença feminina de 79,5%, contra 20,5% do sexo masculino (Inep, 2019a). Os dados apontam a mesma tendência em relação à predominância de mulheres entre estudantes matriculados (as) no curso de Psicologia na UFAL (Tabela 1).

Evidenciaram-se ao traçar a faixa etária da amostra, que os (as) estudantes apresentaram idades entre 18 e 54 (média 23 anos) (Tabela 2). Descrevem-se como héteros (59,3%), de pele branca (54,2%) e agnósticos (28,7%) (Tabelas 3, 4, e 5).

Tabela 3 – Distribuição dos (as) estudantes conforme a orientação sexual, no Curso de Psicologia, 2020.

Orientação sexual	Frequência	Porcentagem
Heterossexual	35	59,3
Bissexual	17	28,8
Homossexual	4	6,8
Outros	2	3,4
Pansexual	1	1,7
Total	59	100

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 4 – Distribuição dos (as) estudantes conforme a cor da pele, no Curso de Psicologia, 2020.

Cor da pele	Frequência	Porcentagem
Branca	32	54,2
Parda	13	22
Preta	11	18,6
Amarela	2	3,4
Outros	1	1,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 5 – Distribuição dos (as) estudantes conforme a religião, no Curso de Psicologia, 2020.

Religião	Frequência	Porcentagem
Agnóstico (a)	17	28,7
Não declarado (a) /sabe	11	18,6
Católica	9	15,3
Ateu(a)	7	11,9
Evangélica	7	11,9
Outros	3	5,1
Candomblé	2	3,4
Protestante	2	3,4
Judaísmo	1	1,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Apresentou-se uma diversidade de ocorrências quanto à sexualidade, cor da pele e religião. Em torno das novas identidades sexuais, foi revelada uma predisposição para a diversidade sexual: héteros (59,3%), demais (40,7%) (Tabela 3), um campo emblemático que permite ilustrar a diversidade sexual face à discriminação em virtude da orientação sexual, onde se garantam promoção e prerrogativas do direito à vida privada (Costa & Nardi, 2013).

Ressalta-se que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993) reconhece a orientação sexual como uma forma de expressão natural da sexualidade, não sendo como doença. Os dados e indicadores nacionais demonstram que, assim como o gênero e a raça, é um fator decisivo que pode facilitar ou dificultar a mobilidade educacional, o desempenho acadêmico e o bem-estar em geral (Ufal, 2020).

Aponta-se no recorte por raça/cor, a pele branca (Tabela 4) significativamente maior na participação da amostra (54,2%), se comparada com os resultados da soma dos demais (45,8%) – no qual podemos comprovar, maior proporção de estudantes de raça branca neste segmento. O que revela a necessidade de investigar com especificidade as razões quanto ao futuro do curso, e o que a pandemia no Brasil prospectará quanto as políticas para promover a equidade e combater as desigualdades raciais historicamente constituídas entre estudantes (Santos, et al., 2020).

Entende-se que é preciso combater a injustiça racial e assegurar que as populações em desvantagens sociais detenham, com equidade, as mesmas garantias disponíveis para a população branca. A exemplo do combate ao preconceito quanto à orientação sexual, religião e a manutenção de políticas afirmativas no campo da educação, bem como dos programas de cotas para acesso e permanência no ensino superior e a inserção na pós-graduação

Descrevem-se como agnósticos, não sabedores (as) e/ou ateus 59,2% da amostra (Tabela 5). Tais resultados (Tabelas 3, 4 e 5) seguem a mesma tendência apontada na V Pesquisa Nacional de Perfil dos Graduandos das IFES (Andifes, 2019). A formação quanto a aspectos da religiosidade é quase inexistente nos cursos brasileiros de Psicologia, no entanto, poderia motivar ações, moldar os eventos cotidianos e as atividades de forma a tornar-se eficiente para lidar com estresse (Campos, et al., 2021).

Percebe-se também que a religiosidade pode ser significativa ou conflituosa para muitos desses indivíduos e, de acordo com Nascimento (2017), as religiões apresentam distintos conteúdos que se relacionam com o significado da vida, dimensão humana, crenças ou como uma experiência emocional. Em sua tese, a autora analisou também várias perspectivas sobre o tema, pautando-se no discurso, política, princípios e orientações dos conselhos de Psicologia e na laicidade da profissão. Além disso, também sinalizou a necessidade de reavaliação, na forma de abordagem, na formação do psicólogo para que não desconsidere a inteireza do ser humano.

Reflete-se que a religião pode influenciar no modo como estudantes percebem a qualidade de vida, além de seus posicionamentos diante do combate às situações de agressão, violação de direitos, preconceito e discriminação – práticas essas que apresentam histórico de diversas ocorrências, de forma sutil, dissimulada e até mesmo velada (Prado & Machado, 2017; Costa & Nardi, 2013).

Entende-se que é fundamental garantir a dignidade e conhecer o perfil dos (as) estudantes, subsidiando elementos de construção para políticas que possam contribuir para aqueles que, de alguma maneira, sofrem ou podem sofrer preconceito pela expressão de sua natureza ou de suas orientações (Ufal, 2020; Lole, et al., 2020).

Pode-se evidenciar, tomando como recorte os marcadores orientação sexual, cor/raça e religião, que há a participação de diversos grupos de estudantes no curso, que viabilizam o reconhecimento e o modo de como as experiências que envolve os preceitos religiosos, racismo e sexismo são vivenciadas, perpassando também os modos pelos quais as situações de poder/submissão estão presentes nas hierarquizações nas relações sociais (Artes & Unbehau, 2021).

Sabe-se que as garantias elencadas na Carta Magna (Constituição Federal, de 1988), em seus fundamentos da República, no Art. 1º, “III – a dignidade da pessoa humana” e como uns dos seus objetivos fundamentais no seu Art. 3º, “[...] IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988).

Ressalta-se como necessários o esforço e a manutenção de espaços que possam subsidiar a construção da capacidade para tomar decisões morais e éticas quanto às escolhas políticas e nos interesses para a coletividade, corroborando para a melhoria da prática de futuros profissionais da psicologia, empenhados em combater os preconceitos estruturais na sociedade, de forma que ultrapasse positivamente o senso comum e os dogmas religiosos, pois fatores ideológicos podem colocar populações em risco (Santos, 2020).

Avalia-se que tais espaços permitirão trabalhar com mais profundidade, redimensionando outras características para conhecer e promover ações nos distintos nichos e setores da Universidade, além de nas diversas possibilidades que ponham a busca por estimular o sentimento de pertencimento e o acolhimento institucional.

Sabe-se que o enfrentamento, bem como suas interseccionalidades, já tipificadas acima, pode demonstrar restrições de acesso à educação, ainda que, paradoxalmente, equivalha quantitativamente à maioria da população brasileira, que acumula os piores indicadores (Santos, et al., 2020).

Apontam-se também, de forma geral, resultados similares aos encontrados no último censo educacional do INEP (2019b), definindo um perfil geral de estudantes dos cursos de graduação presencial em similaridade com aqueles encontrados nesta pesquisa, predominantemente do sexo feminino e de cor/raça branca.

Constata-se que o perfil apresentado pelos (as) estudantes do curso de psicologia no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) em 2018, apresentou também similaridade nos quesitos sexo, idade, cor, estado civil, com quem mora e renda familiar (Inep, 2019c).

Apresentam-se maiores ocorrências: 57,6% (Tabela 6) não possuem benefício do governo, 42,4% (Tabela 7) só estudam, 88,1% (Tabela 8) são solteiros, 91,5% (Tabela 9) não tem filhos, 39% (Tabela 10) tem renda familiar entre R\$: 1.045,00 a R\$: 3.136,00 e 76,3% (Tabela 11) reside com parentes.

Tabela 6 – Distribuição dos (as) estudantes conforme a posse de algum benefício do governo, no Curso de Psicologia, 2020.

Benefício do governo	Frequência	Porcentagem
Não	34	57,6
Sim	20	33,9
Não, mas já fui contemplado (a)	5	8,5
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 7 – Distribuição dos (as) estudantes conforme a ocupação, no Curso de Psicologia 2020.

Ocupação	Frequência	Porcentagem
Só estuda	25	42,4
Estuda e trabalha	20	33,9
Estuda e procura trabalho	14	23,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 8 – Distribuição dos (as) estudantes conforme o estado civil, Curso de Psicologia, 2020.

Estado civil	Frequência	Porcentagem
Solteiro (a)	52	88,1
Outros	5	8,5
Casado (a) / União estável	1	1,7
Separado (a) / Divorciado (a)	1	1,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 9 – Distribuição dos (as) estudantes conforme crianças sob a responsabilidade dos (as) mesmos (as), no Curso de Psicologia, 2020.

Crianças sob responsabilidade	Frequência	Porcentagem
Não	54	91,5
Sim. Um ou dois filhos (as)	4	6,8
Sim. Três ou mais filhos (as)	1	1,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 10 – Distribuição dos (as) estudantes conforme renda familiar no Curso de Psicologia, 2020.

Renda familiar	Frequência	Porcentagem
De R\$1.045 até R\$3.135	23	39
De R\$3.136 até R\$6.270	16	27,1
Até R\$1.045	11	18,6
Acima de R\$6.270	9	15,3
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 11 – Distribuição dos (as) estudantes conforme acompanhantes na residência, no Curso de Psicologia, 2020.

Acompanhantes na residência	Frequência	Porcentagem
Com os pais/parentes	45	76,3
Com amigo (a)	5	8,5
Companheiro (a)	3	5,1
Sozinho (a)	3	5,1
Moradia estudantil	1	1,7
Outros	1	1,7
República	1	1,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Identifica-se que os (as) estudantes do curso apresentaram, em sua maioria, as seguintes características: são mais jovens, só estudam, são solteiros, não têm filhos, possuem renda familiar de até 3 salários-mínimos e vivem com parentes porque não trabalham e ainda não assumiram compromissos profissionais, conjugais ou familiares, o que pode indicar dependência dos pais e/ou outros familiares.

Entende-se que a condição socioeconômica da maioria revela uma probabilidade de aspecto positivo sobre a rotina dos (as) estudantes para permanência e acompanhamento do curso. No entanto, não há garantias de que o fato de morar sob o custeio de parentes ou não poder trabalhar seja, necessariamente, nem mesmo para a maioria, livre de elementos ou desobrigações de custeio de materiais e as atividades ao longo do curso – o que nos leva a refletir que é preciso assessorar e monitorar alguma possível desvantagem.

Avaliam-se também que a moradia está ligada às variáveis que envolvem a família do (a) estudante e podem ser correlacionadas à renda *per capita* e a raça, por exemplo.

Acredita-se que a condição socioeconômica da maioria viabilizaria positivamente, em alguns aspectos, na qualidade de vida e no desenvolvimento das atividades formativas do curso, tal condição da maioria reforça a necessidade de políticas de ações afirmativas e sua materialização em diferentes estratégias e produtos que apoiem as trajetórias de quem tem menos privilégios (ou não os tem) para a integralização do curso. *A priori*, morar com parentes ou não poder trabalhar não são necessariamente, nem mesmo para a maioria, garantias de que as interferências não impactem no cotidiano, nas aulas e nas demais atividades acadêmicas, já que ainda não há elementos para garantir essa vantagem, nem mesmo para a maioria dita “privilegiada”.

Verificou-se também que os (as) estudantes habitam em vários bairros de Maceió e se deslocam de diversas maneiras até a universidade (Tabelas 12 e 13).

Tabela 12 – Distribuição dos (as) estudantes conforme bairro ou local de residência, Curso de Psicologia, 2020.

Local de residência	Frequência	Porcentagem
Outros	20	33,8
Interior do Estado	11	18,6
Cid. Universitária/S Dumont	10	17
Serraria/Feitosa/Gruta	10	17
Jatiúca/Ponta Verde	6	10,2
Outro Estado	2	3,4
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 13 – Distribuição dos (as) estudantes conforme tipo de deslocamento para a universidade, no Curso de Psicologia, 2020.

Tipo de deslocamento	Frequência	Porcentagem
Transporte público coletivo	38	64,4
Transporte privado	7	11,9
A pé	5	8,5
Vans ou transporte escolar	5	8,5
Transporte compartilhado	3	5,1
Outros	1	1,7
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Constatou-se que, dentre os (as) estudantes pesquisados, 78% (Tabela 12) residem em Maceió e 88,2% (Tabela 13) utilizam alguma forma de transporte não privado, podendo indicar alguma vulnerabilidade socioeconômica e associar inconvenientes secundários para o deslocamento, a exemplo: cansaços físico, mental, acidentes durante os trajetos, entre outras possíveis intercorrências. De acordo com o Perfil socioeconômico e cultural dos (as) estudantes no âmbito da UFAL, 70,1% residem no mesmo município onde realizam a graduação e 29,9% realizam a migração pendular todos os dias (Ufal, 2020). Condições que precisam ser observadas de forma macro e em conjuntos com os (as) estudantes, gestores de curso e governantes, para combater os entraves, que parecem afetar o comprometimento e o desempenho acadêmico, além de na qualidade de vida em geral.

Indica-se, de acordo com Silva e Bardagi (2016), que as universidades têm firmado suas competências acadêmicas produzindo novos saberes e que, em função da necessidade, a comunidade estudantil passou por uma aceleração de conhecimento (Silva, et al., 2020). Entretanto, a dificuldade em conciliar ensino e pesquisa, teoria e prática é a grande geradora de obstáculos que podem causar adoecimento, insegurança, angústia e sentimento de solidão no futuro profissional. A construção de um olhar crítico para essas questões torna-se relevante, dado que Santos e Alves Junior (2007) apontaram, há mais de uma década, que, além das enfermidades, as ações humanas são entranhadas de conceitos multidimensionais, bem como valores e significados.

Enfatiza-se que esses aspectos podem impulsionar negativamente vida e carreira dos (as) futuros (as) profissionais do cuidar e, diante das circunstâncias e do contexto atualmente impostos pela pandemia, o indivíduo não tem outra opção a não ser a de adequar-se às exigências sanitárias e de segurança da nova sociedade.

Ressalta-se que nessas condições, o adoecimento e as incertezas se tornam uma possibilidade real, a exemplo do abalo da saúde financeira, física, mental e espiritual. Macedo et al. (2016) já vinham chamando a atenção aos riscos que rondam a sobrevivência do indivíduo, desequilíbrios cada vez mais próximos do limite da incerteza e da insegurança.

Observa-se que é importante insistir no contexto histórico-cultural para adoção de práticas mais eficazes. Estamos em um momento atípico na história e a atividade humana tornou-se uma força dominante. De acordo com Habermas (1987), a cultura é o armazém do saber humano e, posteriormente, desvincula-se da cultura popular por sua complexificação.

Entende-se que essa força também nos revela as fraquezas das desigualdades existentes, causando impactos significativos nesse processo, na forma como viveremos e trabalharemos o nosso futuro, no qual a atenção global deverá estar voltada para o equilíbrio planetário, comercial e social.

Identifica-se que a junção desses impactos e toda sua fragilidade está nos revelando paradigmas e dicotomias convencionais de (não) crescimento e (não) desenvolvimento no enfrentamento do fantasma do declínio civilizacional, onde restaria como ponto fundamental a integração da solidariedade, servindo de barreira contra o poder do dinheiro, de tal forma que o mundo sistêmico não invada o mundo da vida (Habermas, 1987).

Revelou-se também, que a pandemia impactou na formação de todos os (as) estudantes, principalmente naqueles em grupos vulneráveis, compreendendo as desigualdades observadas no ensino superior a partir dos anos finais da educação básica e do ensino médio, pois nunca a sociedade, os Estados e as universidades tiveram que (re) pensar tanto suas estratégias de cooperação nas situações de invisibilidade vivenciadas e ainda presenciadas (Artes & Unbehau, 2021; Badin, et al., 2020; Rambo, 2020; Santos, 2020).

Evidenciaram-se ao cotidiano desta realidade, Cotta *et al.* (2007) demonstraram essa preocupação e destacaram a importância de discutir a formação e a aprendizagem de estudantes e futuros profissionais da saúde frente ao contexto de crescentes desigualdades sociais, algo que tem se atenuado (IBGE, 2021a).

Percebe-se que o agravamento ocorre à medida em que os retrocessos são mais presentes aos avanços no investimento na educação, refletindo na formação dos (as) estudantes, ao se pautar no cotidiano das práticas de saúde interprofissional, ampliando também a discussão política (Makuch & Zagonel, 2017).

Registra-se um corte de recursos para a educação pelo atual governo, atingindo de forma mais intensa as políticas afirmativas, os cursos e programas de pós-graduação – medidas que provocam prejuízos em todos os níveis de ensino e também na pesquisa científica (Brasil, 2020a).

Acredita-se que a atual representação do Estado fracassou na manutenção da inclusão e promoção de políticas educacionais que comportassem com tranquilidade a continuidade das anteriores, já que elas atuam para corrigir distorções sociais e garantir que mais pessoas tenham acesso à educação com qualidade e tranquilidade.

Reflete-se que as políticas públicas para a educação têm o objetivo de aumentar o acesso à educação e garantir que toda pessoa tenha direito a uma formação acadêmica de qualidade, além de deter os equívocos e danos previsíveis em situações de extremas vulnerabilidades e privações, comumente mais observadas entre estudantes oriundos de famílias pobres, para firmar sua permanência na universidade até a conclusão do curso.

3.1 Análise e discussão das expectativas sobre a qualidade de vida e seus significados

Constata-se que diversas mudanças ocorrem após o ingresso na Universidade, dentre elas hábitos e comportamentos diante das novas responsabilidades, compromisso com o desempenho acadêmico, organização dos horários e o cumprimento de prazos, dentre outras exigências características desse ambiente. Entre as razões para a escolha de determinados cursos, Silva e Bardagi (2016) destacaram três grandes categorias: a necessidade de formação, a perspectiva de progressão na carreira e a motivação pessoal.

Entende-se que a procura por cursos superiores e o interesse em se compreender as expectativas e dificuldades dos (as) estudantes vem ganhando espaço e atenção em diversas áreas do conhecimento, tornando-se tarefa importante para as instituições de ensino o investimento na garantia de mais qualidade nessa modalidade (Ferreira & Loureiro, 2013).

Ressalta-se que a responsabilidade das instituições de ensino em ousar e inovar na tecnologia dos cursos e no processo de ensino-aprendizagem permitirá agregar a satisfação dos (as) estudantes, a motivação da construção do conhecimento e a qualidade de vida (Makuch & Zagonel, 2017).

Pode-se dizer, segundo a OMS (1998, p. 28), que qualidade de vida é “[...] a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Esses aspectos envolvem também o bem-estar espiritual, físico, mental, psicológico, emocional e os relacionamentos sociais, a saúde, a educação, a habitação e o saneamento básico, bem como outras circunstâncias da vida que podem ser mensuradas através de ferramentas adequadas e validadas para este fim.

Considera-se a ferramenta WHOQOL-bref adequada. Segundo Fleck et al., (2000), ela contempla boa parte destes aspectos nas 26 perguntas compreendidas em quatro domínios da vida: físico, psicológico, relações pessoais e ambiente, além de oportunizar ao pesquisado a ressignificação de sua vivência acadêmica e, objetivamente, a qualidade de vida.

Orientou-se para estimar a consistência e confiabilidade deste questionário, o coeficiente alfa de Cronbach, no qual o nível de significância apresentado foi 0,822, que, de acordo com os valores de interpretação de Landis e Koch (1977), a consistência interna quando classificada entre 0,80-1,00 é considerada quase perfeita (Tabela 14).

Tabela 14 – Significados do Nível de concordância segundo Landis e Koch.

Valor de k	Qualidade do mapa temático
<0	Ausência de concordância
0-0,19	Concordância pobre
0,20-0,39	Concordância leve
0,40-0,59	Concordância moderada
0,60-0,79	Concordância substantiva
0,80-1,00	Concordância quase perfeita

Fonte: Adaptada de Landis e Koch (1977).

Encontra-se na pesquisa, considerando o período da coleta dos dados, as respostas baseadas nas duas últimas semanas. Em sua composição estiveram presentes os inventários situacional e sociodemográfico, bem como a avaliação de qualidade de vida, através de respostas do tipo Likert. Os valores da escala são traduzidos de 1 a 5 onde: 1 muito ruim, 2 ruim, 3 nem ruim

nem boa, 4 boa e 5 muito boa, ou aos equivalentes: 1 nada, 2 muito pouco, 3 mais ou menos, 4 bastante e 5 extremamente, computados em escores que variam de 0 a 100%.

Revelou-se os seguintes cenários a partir das respostas obtidas: Tabelas 15 e 16, referentes às 2 primeiras questões, consideradas genéricas, relativas à qualidade de vida, onde os maiores escores encontrados na tabela 15 foram considerados boa/bastante (39%) e na tabela 16 sobre a satisfação com a saúde há uma realidade preocupante, uma vez que, 23,7% os estudantes consideraram ruim, 33,9% neutros e 25,4% consideraram a sua saúde boa.

Tabela 15 – Percepção da qualidade de vida dos (as) estudantes do Curso de Psicologia através do WHOQOL-bref, 2020.

Escala	Frequência	Porcentagem
1	2	3,4
2	4	6,8
3	21	35,6
4	23	39
5	9	15,3
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Tabela 16 – Percepção da satisfação com a saúde dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.

Escala	Frequência	Porcentagem
1	4	6,8
2	14	23,7
3	20	33,9
4	15	25,4
5	6	10,2
Total	59	100,0

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Mostrou-se que as condições nas quais as pessoas vivem, aprendem, trabalham e se divertem contribuem para sua saúde (Santos, et al., 2020). Aponta-se que, ao agregar os resultados das tabelas 15 e 16, os indivíduos da pesquisa consideraram uma relação mais ou menos boa na percepção da qualidade de vida e da satisfação com a saúde, com resposta média de 3,5 na escala (70%). Classificam-se, conforme Fleck et al., (2000), neste caso, quanto mais próximo de 100%, melhor é a percepção da qualidade de vida do indivíduo.

Acrescenta-se, de acordo com Leite et al. (2011), que a qualidade de vida de estudantes está diretamente relacionada a fatos vivenciados na vida pessoal e acadêmica e seus diferentes determinantes internos externos – como família, saúde, dinheiro, presença de sofrimentos, independência e o caminho para futura profissão, dependem de elementos e estruturas objetivas no âmbito político, social, econômico, cultural, etc. A tabela 17 demonstra as pontuações das escalas Likert de qualidade de vida das outras 24 perguntas restantes, divididas em quatro domínios (físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente).

Tabela 17 – Escalas de qualidade de vida WHOQOL-bref dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.

Domínios	Média	Mediana	Moda	Desvio-padrão
Físico	2,8	3	2	1,3
Psicológico	3,1	3	3	1,1
Relações sociais	3,3	3	4	1,2
Meio ambiente	3,3	3	4	1,2

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Ressalta-se que os domínios inseridos em uma área multidisciplinar podem ser examinados por várias frentes. Quanto ao domínio físico (na Tabela 17), são avaliadas por 7 (sete) questões, dentre elas a capacidade física, como: a dor e desconforto, energia e fadiga, sono e repouso, mobilidade, atividades da vida cotidiana, relação medicamentosa ou de tratamentos e a capacidade para o trabalho. Verificou-se que este domínio apresentou o menor escore na média da escala (2,8), levando-nos a considerar que os componentes da amostra se sentiram “muito pouco” afetados.

Supõe-se que as questões de ordem física, mesmo que de baixo impacto, estão correlacionadas aos prejuízos para o aprendizado e podem influenciar na falta de motivação para os estudos, além de afetar o (a) estudante nos aspectos psicológicos, pois a pesquisa apontou, de acordo com os valores traduzidos da escala, o sentimento de “mais ou menos” contemplados. É também por meio do espaço educativo que muitos (as) estudantes participam de programas que contribuem para o seu desenvolvimento físico e intelectual (Palú, et al., 2020).

Identifica-se que no domínio psicológico (Tabela 17), avaliados por 6 (seis) questões, como os sentimentos positivos, negativos, aspectos cognitivos, autoestima, autoimagem e as crenças pessoais, a amostra apresentou o segundo menor escore na média da escala (3,1). Desse modo, podemos considerar, de acordo com os valores traduzidos da escala, que a percepção da amostra considerou que se sentem “mais ou menos” contemplados.

Aponta-se que as características psicológicas das pessoas fazem parte das significações que vão conferindo às coisas, ao sentido que elas dão ao mundo e, quando o eu vai se tornando um objeto de cuidado, impossibilitando o sujeito de se enxergar como verdadeiramente é (Souza, et al., 2017).

Pontua-se que outra hipótese para este achado seria a de que o abalo psicológico e emocional enfrentado por estes estudantes, uma vez que estão lidando com situações atípicas relacionadas ao momento presente, elevaria os níveis de insegurança, medo, ansiedade e estresse. Conceber que o estresse psíquico está vinculado ao tipo de atividade exercida, bem como à toda uma estrutura de referência habermasiana, quanto ao sistema poder, moeda e desencantamento das visões de mundo (Habermas, 1987).

Revelou-se ainda (Tabela 17), no domínio de relações sociais, avaliadas por 3 questões que envolvem a satisfação das relações pessoais, atividade sexual e apoio social e no domínio ambiental, avaliados por 8 questões que envolvem a satisfação com segurança pessoal, ambiental, recursos financeiros, acesso às informações, lazer, moradia, serviços de saúde e de transporte, a ocorrência dos maiores escores para a amostra em ambos os domínios (3,3) na média da escala Likert.

Pode-se considerar que de acordo com os valores traduzidos da escala que os sujeitos que compõem a amostra sentem-se “mais ou menos” contemplados, o que nos leva a crer que há alguma influência positiva em suas vidas.

Indica-se ainda que, das 26 questões que alcançaram a média na escala Likert maior que 3,3, foram estratificadas (Tabela 18).

Tabela 18 – Estatísticas de itens mais relevantes na média da escala Likert > 3,3 dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.

Questões	Média	Desvio-padrão
1 - Como você avaliaria sua qualidade de vida?	3,56	1,0
6 - Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	3,31	1,0
13 - Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia a dia?	4,00	0,9
15 - Quão bem você é capaz de se locomover?	4,27	0,9
22 - Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus (suas) amigos (as)	3,75	1,1
23 - Quão satisfeito (a) você está com as condições do local onde mora?	3,56	1,2
24 - Quão satisfeito (a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	3,53	1,1
26 - Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau-humor, desespero, ansiedade, depressão?	3,54	1,3

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Percebe-se que através da estratificação das questões, os (as) estudantes demonstraram possuir maior percepção da qualidade de vida em determinados segmentos, que no geral apresentou média na escala Likert de 3,7 (Tabela 18).

Constatou-se na estratificação que nas primeiras 7 questões foi possível identificar alguma positividade frente à própria vida, já na última questão, de número 26, apresentaram-se maiores preocupações; de acordo com Rodrigues et al., (2020), os (as) estudantes podem sofrer com ansiedade, medo, tentativas de suicídio e abuso de substâncias, com possíveis implicações no desempenho acadêmico.

Aponta-se que nem todos os sujeitos percebem a mesma qualidade de vida; é preciso esforçar-se para obtê-la, pois cada indivíduo avalia sua própria vida e os afetos a partir de recursos internos, como a personalidade, mas também em função dos eventos, experiências, interações para produzir ou erradicar o bem-estar (Hutz, et al., 2014).

Identifica-se que tais determinantes são concebidos como dados generalizantes, abrangendo os diferentes sujeitos numa mesma posição. A confiabilidade e consistência interna das questões apresentadas na tabela 18, foram verificadas pelo coeficiente alfa de Cronbach (Tabela 19).

Tabela 19 – Estatísticas dos itens relevantes do WHOQOL-bref aplicado em estudantes do curso de Psicologia, 2020.

Questões	Média de escala	Variância de escala	Correlação de item total corrigida	Correlação múltipla ao quadrado	Alfa de Cronbach
1	77,85	134,269	,650	,757	,805
6	78,10	133,300	,644	,816	,805
12	78,37	135,134	,525	,684	,809
13	77,41	142,108	,330	,505	,817
15	77,14	141,636	,311	,416	,818
21	78,44	145,561	,076	,594	,829
22	77,66	135,124	,539	,523	,809
23	77,85	132,959	,550	,714	,807
24	77,88	138,762	,354	,539	,816
26	77,86	165,602	-,539	,718	,855

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Constata-se que os atributos relevantes podem ser tomados integradamente (Tabela 19). As estatísticas descritivas apresentadas quanto aos 4 domínios relevantes e integrados (Tabela 17) parecem revelar um perfil equilibrado da amostra (3 – “nem ruim nem boa” ou “mais ou menos”), apresentando concordância quase que perfeita pelo alfa de Cronbach (Tabelas 14 e 19).

Ressalta-se que estabelecer atributos para formar um sentimento ou conceito universal sobre qualidade de vida requer do (a) pesquisador (a) a incorporação de indicadores ou esferas objetivas e/ou subjetivas a partir da percepção que o mesmo constrói em seu meio, sendo uma das razões que levaram a reunir-se diversos especialistas, de várias partes do mundo, para tratar do tema (Buss, et al., 2020; Evans, et al., 2018; Delle Fave, et al., 2016; Santos, et al., 2014; Faro, 2013; Lopes & Macedo, 2013; Almeida, et al., 2009; Duque, et al., 2005; OMS, 1998).

Tabela 20 – Resultados do WHOQOL-bref dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.

Resultados WHOQOL-bref	Média	Mínimo	Máximo	Intervalo	Máximo / Mínimo	Variância	N de itens
Médias de item	3,131	2,136	4,271	2,136	2,000	,234	26
Variâncias de item	1,206	,724	1,769	1,044	2,442	,066	26

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Acredita-se que estabelecer ferramentas científicas para descrever a percepção do universo sobre a qualidade de vida é de suma importância, pois garantirão segurança e melhores resultados para pesquisados (as) e pesquisadores (as).

Aponta-se a versão em português do WHOQOL-bref, que, mesmo sendo uma versão resumida, é considerada de boa consistência pelo grupo de estudos que compõe o centro Brasil de avaliação e desenvolvimento dos instrumentos do WHOQOL Group, representado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), responsável pela tradução e adaptação da versão original WHOQOL-100 (Fleck, et al., 2000; 1999).

Reflete-se que estabelecer se algo é ruim ou muito bom deriva de diversas referências ou pontos de vista. Estas inquietações trouxeram à tona a preocupação em se conhecer para preservar a vida, a saúde e, mais do que nunca, o bem-estar mental, onde, através das análises objetivas, poderemos colaborar para intervenções nessas áreas, direcionando melhorias na vida do grupo estudado.

3.2 Análise e discussão das relações e tendências acadêmicas frente à pandemia do novo coronavírus

A pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, é uma crise de proporções mundiais, construindo um cenário de metamorfoses que implica no surgimento de vários problemas e acarreta os diversos meios e paisagens pelo caminho, uma crise sanitária e econômica de proporções tectônicas, expondo as desigualdades e as debilidades do Estado (Leher, 2020; Santos, 2020; Silva, et al., 2020).

Constatou-se que o mundo entrou em uma nova era de complexidade e instabilidade que logo chamou a atenção, pois levou pouco tempo para se alastrar globalmente, alterando rotinas e disseminando incertezas quanto ao futuro, além de impactar nas formas de sociabilidade, agravos na saúde mental, gerando medo e muitas mortes (Rodrigues, et al., 2020).

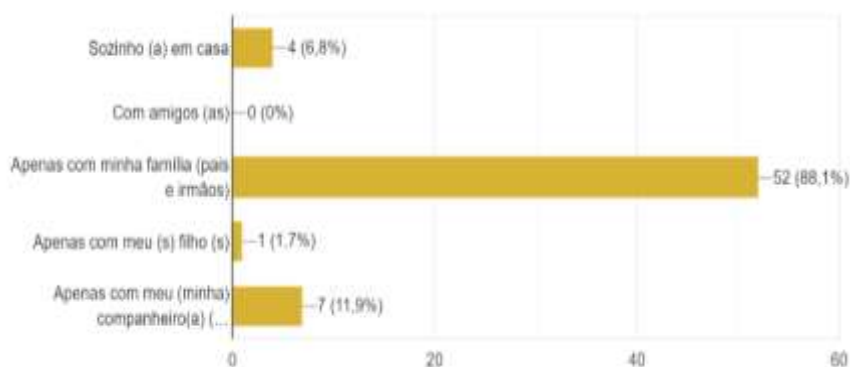
Identificaram-se, em concordância com Agamben et al. (2020), novas realidades vividas em decorrência do coronavírus e reflexões sobre o futuro pós-pandêmico. A proposta discutiu que o coronavírus é uma forma diferente de gripe, evidenciando o papel dos meios de comunicação e dos governos na disseminação do clima de pânico, além de criticar a necessidade do isolamento social e o fechamento de escolas e universidades.

Ressalta-se que no cenário brasileiro, os condicionantes para o bem-estar, saúde e educação da população estão em queda, tanto pela falta de investimentos quanto pela falta de confiança da população de alguns políticos, que minimizam a pandemia à condição de uma gripezinha (Brasil, 2020d).

Evidenciaram-se em estudos anteriores à pandemia, a prevalência de problemas que já interferiam nas relações que envolvem a qualidade de vida, saúde e aprendizagem dos (as) estudantes (Evans, et al., 2018; Silva, et al., 2017; Bardagi, 2016; Hutz, et al., 2014; Faro, 2013; Baumeister, et al., 2013; Delle Fave, et al., 2011).

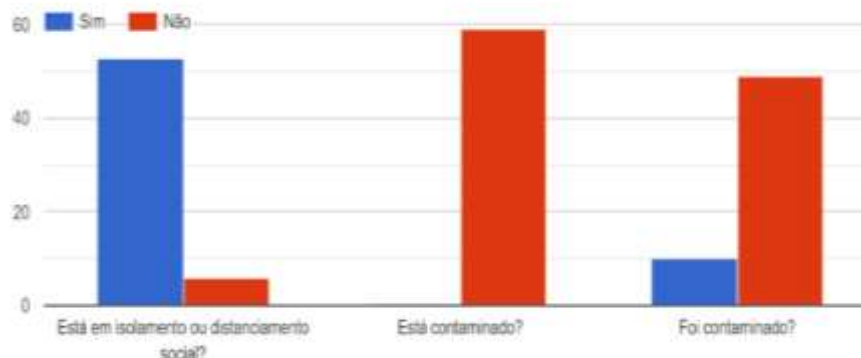
Indica-se, sob outra perspectiva, as adaptações frente às novas exigências (isolamento/distanciamento social), sanitárias (contaminação) podem gerar novos conflitos de natureza diversa para os (as) estudantes (Gráficos 2 e 3).

Gráfico 2 – Situação decorrente da pandemia, dos (as) estudantes no Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Gráfico 3 – Diagnóstico situacional dos estudantes do Curso de Psicologia na pandemia de COVID-19, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Mostrou-se que a pandemia de Covid-19 condicionou a adoção de diversas medidas, dentre elas o distanciamento e até o isolamento social. Essas medidas podem fazer com que as pessoas deixem os lugares onde moravam e voltem para a casa de suas famílias. Conforme destacou Santos (2020), o isolamento implica na redução de atividades econômicas e, conseqüentemente, leva as pessoas a repensar suas rotinas.

Revelou-se que 88,1% disseram fazer o isolamento de forma familiar; 100% disseram não estarem contaminados; em isolamento ou praticando o distanciamento social, 89,8% disseram sim, contra 10,2% que disseram não; se até aquele momento teriam sido contaminados, 83% disseram que não, contra 17% que disseram sim (Gráfico 3). Dados reconfortantes frente ao crescente número de registro de ocorrências para o período em Alagoas, saltando de 79.258 para 90.789 mil casos, conforme representado no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Casos confirmados de COVID-19 em Alagoas (setembro e outubro de 2020).



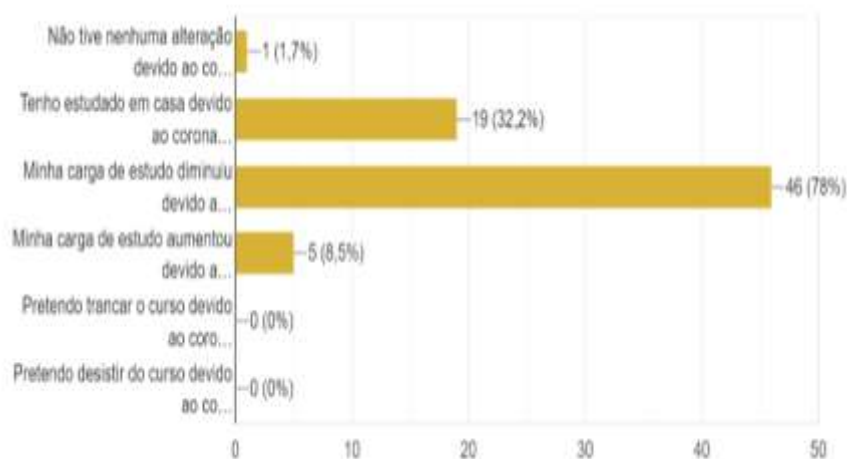
Fonte: Secretaria de Estado da Saúde - Painel Covid-19 em Alagoas (2020).

Evidenciou-se que, no Brasil, as estimativas atuais da população em todo o território nacional são de cerca de 213 milhões de vidas humanas; em 2020, a estimativa em Alagoas foi de 3.351.543 de habitantes (IBGE, 2021b, 2021c). No final de outubro daquele ano, foram registrados mais de 90 mil casos de Covid-19 na população alagoana. Esse número, no entanto,

poderia ser maior se houvesse testagem em massa – os casos confirmados só demonstram a elevação das estatísticas ao longo dos dias.

Indica-se adotar medidas defensivas para evitar o contágio. Em situações de incertezas, rastrear a doença, fazer o isolamento social e priorizar os cuidados de todas as pessoas, contaminadas ou não, parece ser a melhor tática até que se chegue a uma solução real e democrática de mitigação dos impactos na formação acadêmica, no trabalho e na sociedade (Gráficos 5, 6 e 7).

Gráfico 5 – Impacto do isolamento na vida dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.

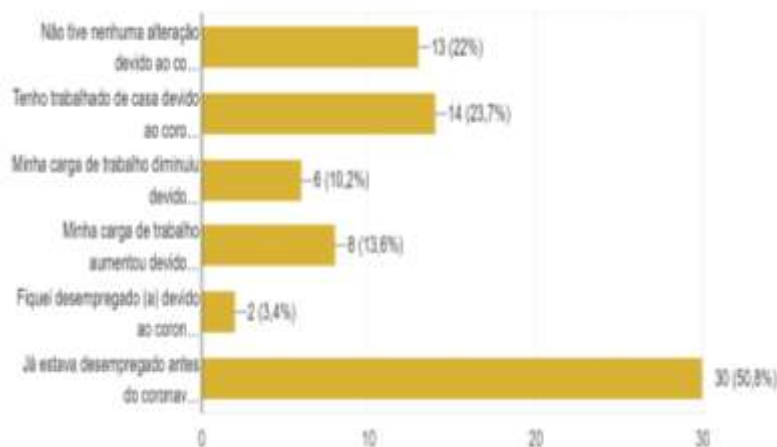


Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Observa-se ainda, ao investigar as questões sobre os impactos do isolamento nos estudos, trabalho e nas interações sociais, o destaque da maior ocorrência na escala, com 78% (Gráfico 5) tendo diminuído a carga de estudo.

Ressalta-se que a pandemia trouxe alguns desafios e, infelizmente, muitos deles são desagradáveis. Um deles é a existência de um enorme contraste social, podendo ocasionar uma forte exclusão entre os (as) estudantes, perspectiva que traz muita preocupação no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, conforme Souza (2020), há algo de positivo com o isolamento: houve menor carga de destruição da natureza e foi noticiada a diminuição da poluição atmosférica.

Gráfico 6 – Impacto do isolamento no trabalho dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



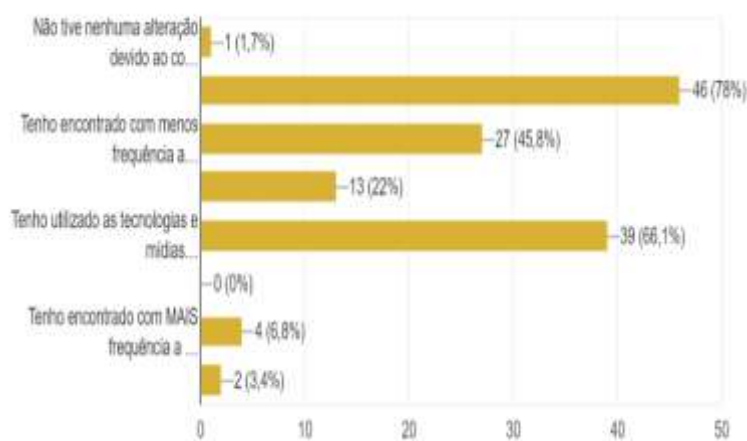
Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Percebe-se quanto às questões que envolvem diretamente o trabalho (Gráfico 6), que a amostra apontou apenas 3,4% afetados (as) diretamente com a perda do emprego, porém 50,8% já estavam desempregados (as) antes da pandemia. O Brasil enfrenta um índice significativo (14,7%) de pessoas desempregadas – 14,8 milhões só no 1º trimestre de 2021 (IBGE, 2021d). O emprego é um objeto social concreto e sua perda gera insegurança, sentimentos de solidão, desamparo, estresse, ansiedade, insegurança e medo (Schmidt, et al., 2018).

Leher (2020) aponta que é preciso definir políticas de contenção do vírus, com tratamento digno, proteção aos (futuros) profissionais e outras medidas de mitigação sobre a queda da renda dos (as) trabalhadores (as) formais e informais – o que parece ser uma das alternativas para complementar a renda de muitos estudantes da universidade.

Sabe-se que a crise econômica e o aumento dos índices de desemprego no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil a caracteriza como mais uma doença perpetuadora das condições de pobreza (Santos, et al., 2020).

Gráfico 7 – Impacto do isolamento na interação social dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

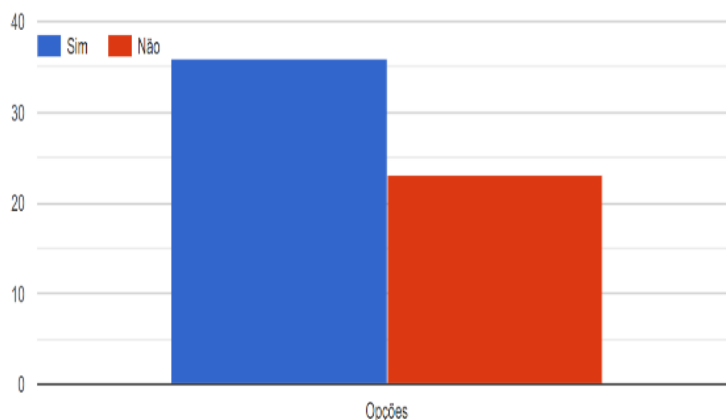
Constatou-se que 78% (Gráfico 7) têm encontrado os (as) amigos (as) com menos frequência. Para Santos (2020), toda quarentena é discriminatória, difícil para alguns e impossível para outros e, por isso, propõe analisá-la a partir de diversas perspectivas sob as recomendações promovidas pela OMS. Para a OMS (2020), o isolamento social, o distanciamento social e a quarentena são medidas que, embora tragam inquietações no ir e vir, auxiliam no combate à propagação do vírus, na prevenção do colapso no sistema de saúde e na diminuição nos números de casos, cuidados os quais acreditamos que os (as) estudantes não estão em vigilância constante.

Entende-se que a pandemia tem influenciado o comportamento e a resignificação no cotidiano das atividades. Este é um momento atípico, sendo necessário reinventar as relações acadêmicas, mas também a colocação de apoio para os (as) professores (as), pois não foram formados para trabalhar e administrar o novo modelo de ensino e aprendizagem, algo que faz com que eles (as) também se angustiem diante da situação (Badin, et al., 2020).

Ressalta-se que dentre os principais sentimentos, é possível associar o estresse e o medo, que parecem sobressair para todos como efeito no período de quarentena, potencializados pelos receios em relação ao vírus ou à infecção, a frustração, o preconceito, a diminuição de rendimentos e as informações inadequadas (Maia & Dias, 2020; Santos, 2020).

Evidenciou-se quanto aos (as) estudantes, a necessidade de esforços para adequação aos novos formatos e exigências para mitigar os efeitos da pandemia no processo de formação, mas não há obrigatoriedade ou consenso que garantam a adesão às novas regras (Gráficos 8 e 9).

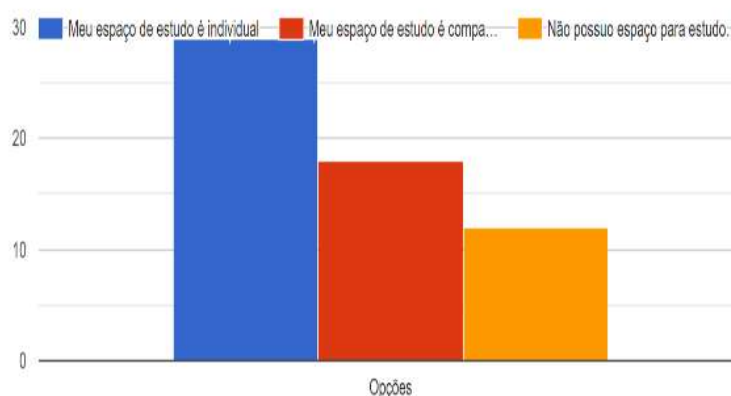
Gráfico 8 – Condições de realizar atividades acadêmicas em casa dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Verificou-se, ao perguntar se sentem em condições de realizar atividades acadêmicas em casa, que 61% disseram que sim, contra 39% não (Gráfico 8).

Gráfico 9 – Espaço de estudo domiciliar dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

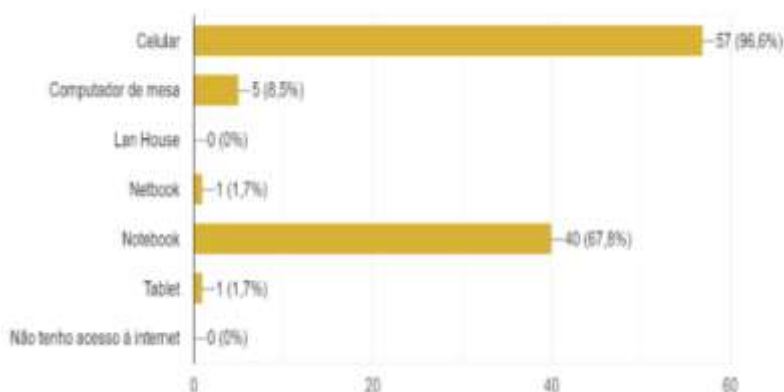
Revelou-se quanto ao espaço para os estudos, 49% disseram que usam individualmente, contra 51% que não tem ou precisam ser compartilhados (Gráfico 9). Conforme Rodrigues et al. (2020), aponta-se que os (as) estudantes passaram a estudar nas suas próprias residências, fisicamente afastados dos centros educacionais e das relações ali estabelecidas.

Entende-se que, para o formato remoto de ensino acontecer de maneira plena, é preciso encurtar as discrepâncias estruturais com a universidade, dispondo de elementos que possam assistir e preencher as lacunas que o ensino remoto acarreta, sem deixar ninguém de fora, pois não sabemos até quando e como esse modelo será empregado.

Registra-se que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), é imperativo repensar as políticas sociais, incluindo a educação, e abordar questões de longa data, relacionadas à desigualdade estrutural, à pobreza e à exclusão (Unesco, 2020).

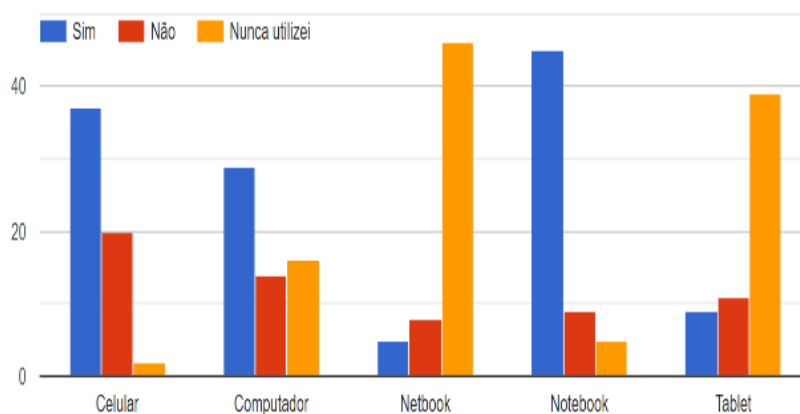
Constata-se, no estudo, a presença das tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano acadêmico (Gráficos 10 e 11).

Gráfico 10 – Distribuição dos dispositivos de acesso à internet do (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Gráfico 11 – Facilidade de realizar as atividades acadêmicas quando acessa a internet nos dispositivos listados dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Entende-se que a internet representa a maior ferramenta para a comunicação, em virtude do fomento à interação e conexão entre as pessoas e os diversos ambientes (Prychodco & Bittencourt, 2019).

Aponta-se os *smartphones* por 99,6% (Gráfico 10) como o dispositivo de maior uso para acesso à internet. No entanto, no que diz respeito à facilidade de realizar as atividades acadêmicas, o *notebook* foi apontado com 76,3% (Gráfico 11).

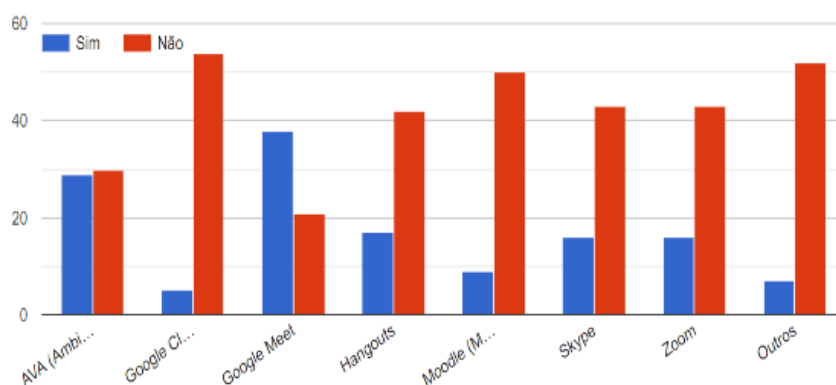
Evidenciaram-se estudos similares apontados por Silva dos Santos *et al.* (2017) e Rigo *et al.* (2020), que constataram que o amplo acesso à internet, é uma realidade que deixa ainda mais clara a situação de desigualdade social, sobretudo quando

realizado por meio de dispositivos e conexões de baixa capacidade, insuficientes para atividades escolares, mas que, para o momento, configuram-se também como uma das saídas no enfretamento do isolamento e para aulas virtuais.

Demonstrou-se que os elementos tecnológicos têm sido bastantes destacados porque pressupõem que a tecnologia digital poderia ser a salvação, o que parece não ser verdade dentro da nossa realidade estrutural, política e socioeconômica.

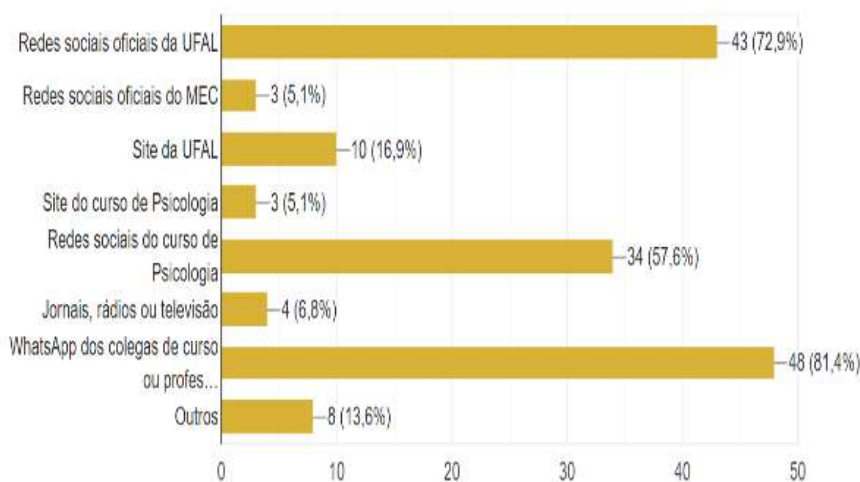
Ressalta-se no que pese outras possíveis dificuldades de acesso à rede e às plataformas de suporte ao estudo remoto, estas podem ser experienciadas, organizadas e alicerçadas por ferramentas facilitadoras do trânsito e da organização de instrumentos de interação virtual (Gráficos 12 e 13).

Gráfico 12 – Utilização do ambiente ou plataforma virtual dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Gráfico 13 – Meios de recebimento das informações referentes à Instituição dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Constata-se que a tecnologia é onipresente desde a maneira como nos comunicamos, acessamos, buscamos e trocamos os conhecimentos e as informações (Silva, et al., 2020).

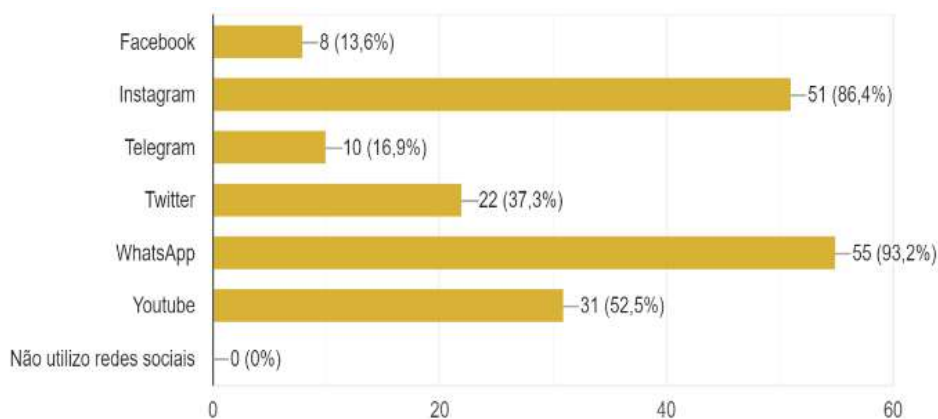
Entende-se que o uso de tecnologias digitais e da comunicação já havia sido incorporado em diversas áreas da universidade antes mesmo da pandemia, sendo atualmente indispensáveis para o manejo da educação remota. Quando perguntado sobre o ambiente virtual mais utilizado, o *Google Meet* se destacou com 64,4% (Gráfico 12) de uso no curso, o que

parece refletir os investimentos que a gigante da tecnologia oferece como serviços e ferramentas gratuitas para a sociedade, auxiliando no desenvolvimento da educação e disponibilizando aos (as) professores (as) e estudantes novos meios de trabalhar os conteúdos remotamente.

Quanto aos meios de comunicação mais utilizados para recebimento das informações referentes à Instituição, observou-se no Gráfico 13 que 81,4% dos (as) estudantes pesquisados informaram o *Whatsapp*, como principal plataforma de comunicação e uso entre colegas e professores. De acordo com Rigo et al. (2020), o objetivo é, em sua maioria, superar as barreiras entre físico e virtual, uma vez que as atividades escolares e suas relações passaram a funcionar *on-line*, por meio das plataformas digitais.

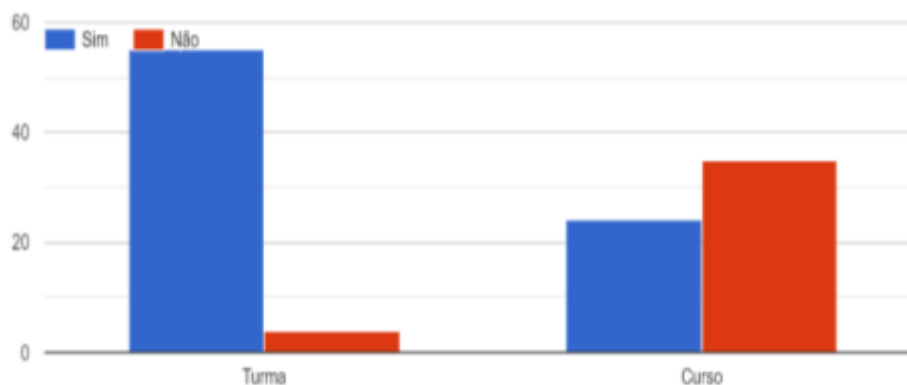
Encontra-se por intermédio *on-line* das redes sociais, indivíduos que apresentam interesses comuns, viabilizando o engajamento social baseado nas preferências, mutualidade e interação (Gráficos 14 e 15).

Gráfico 14 – Redes sociais acessadas com mais frequência dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Gráfico 15 – Participação no grupo de *Whatsapp* dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Aponta-se o *Whatsapp* como a rede social mais acessada pelos (as) estudantes, 93,2% (Gráfico 14), o que indica ser esta a ferramenta com maior poder de alcance para comunicação e interação (Gráficos 13 e 14).

Verifica-se que os indivíduos estão alocados em grupos virtuais pelo mesmo aplicativo entre colegas (93,2%) e (40,7%) em grupos com algum gestor do curso (Gráfico 15). O que parece demonstrar o empenho extra dos gestores do curso em ampliar as interações voltadas ao compartilhamento de informações sobre assuntos inerentes ao curso. Apesar de todo o meritório empenho individual e coletivo dos docentes do curso, é importante que haja políticas institucionais e governamentais para que suas obrigações não sejam introjetadas pelos docentes como responsabilidades individuais e para que a lógica do privado não volte a dominar o cotidiano das instituições públicas. Decisões individuais pautadas nessa lógica abrem caminho para o estabelecimento de empresariamento da educação pública e seus efeitos sobre toda a sociedade.

Registrou-se a preferência na utilização de meios digitais para avisos e outras comunicações (Gráficos 16 e 17).

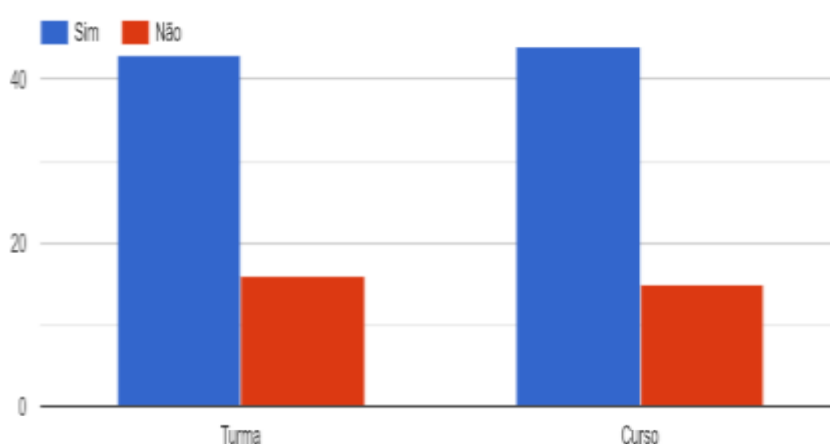
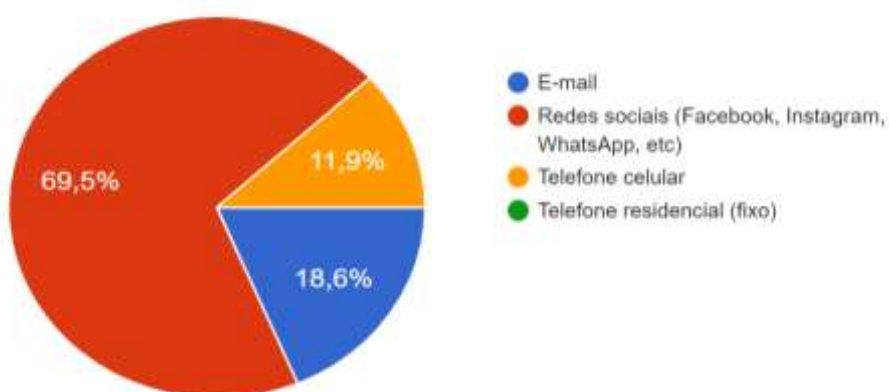


Gráfico 16 – Utilização de e-mail dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.

Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Gráfico 17 – Rapidez e agilidade para contatos dos (as) estudantes do Curso de Psicologia, 2020.



Fonte: Autores, dados da pesquisa (2021).

Constata-se que a turma costuma utilizar o *e-mail* com maior frequência nas comunicações entre si, com 72,88% (43 estudantes) e com a coordenação, com 74,58% (44 estudantes), conforme o gráfico 16. Porém, 69,5% (41 estudantes) prefeririam serem contatados (as) por redes sociais contra 18,6% (11 estudantes) por *e-mail*, por considerarem uma forma mais rápida (Gráfico 17).

Indica-se que tais resultados podem ser justificados pelas modificações atemporais e a celeridade das informações pelas quais passa a humanidade, interferindo nas condutas que envolvem a segurança, dinamismo e todos os procedimentos acadêmicos. Todas as tecnologias e tudo o que se relacione com o ser humano e seu meio se expandiu, contribuindo para o processo de globalização (Silva dos Santos, et al., 2017).

Entende-se a importância de todas as tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano acadêmico, e a internet como grande responsável pela potencialização e participação dessa ascensão (Fernandes, et al., 2018). Muitas escolas e educadores (as) têm aproveitado o momento para desenvolver novas metodologias, além de aprofundar as já existentes no contexto das tecnologias digitais, viabilidade e parcerias na sua implementação.

Identificou-se, no entanto, que a adoção de práticas de ensino pautadas no uso de recursos tecnológicos parece ser mais excludentes do que inclusiva, posto que, conforme Ramal (2020), o Brasil vive uma realidade analógica, sendo este mais um dos desafios que a pandemia revelou e trouxe para governos, educadores (as), pais e estudantes. Estes, muitas vezes impactados tanto por critérios econômicos quanto os raciais, o que nos leva a refletir compromisso e empenho na busca por suprir as lacunas encontradas na amostra de quaisquer desigualdades para o acesso e manutenção na trajetória formativa.

Ressalta-se ainda, conforme a Unesco (2020), que a Covid-19 não discrimina ninguém e está redefinindo a realidade, pois a crise causada pela pandemia resultou na interrupção das atividades presenciais de escolas e universidades, afetando mais de 90% dos (as) estudantes do mundo.

Verifica-se que tendo em vista as particularidades desse momento, à adoção de novas estratégias que viabilizassem a manutenção do calendário letivo e a oferta de atividades não presenciais como uma alternativa (Badin, et al., 2020).

Constatou-se, conforme parecer nº 9/2020 do Conselho Nacional de Educação (CNE) do Ministério da Educação (MEC), as indicações para o retorno às aulas e as atividades com o calendário de reposição de conteúdos e carga horária de forma presencial e não presencial, instituindo a oferta de aulas presenciais de forma gradual, equilibrando com processo de reposição a critério das instituições.

Orientou-se por meio do mesmo parecer, o retorno das atividades não presenciais em conjunto com as presenciais quando do encerramento da quarentena, mantendo a retomada gradual à presencialidade de 25%, 75% e 100%, distribuídos durante o restante do ano letivo. O documento reconhece os problemas causados pela pandemia e procura reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da Covid-19, manifestando-se sobre a substituição das aulas presenciais nas instituições de educação superior integrantes do sistema federal de ensino por aulas inclusive aos sábados e feriados, em meios digitais, enquanto durar a situação pandêmica (Brasil, 2020b).

Ressalta-se que, superadas as condições de isolamento, as atividades podem ser retomadas com segurança, e que mesmo com o afastamento, isolamento social e soluções momentâneas de excepcionalidade não devem-se nominar de o “novo normal”, pois não tem nada de normal adoecer e/ou morrer por um vírus que já existe vacina.

Entende-se que, para lidar com essa nova realidade e ao mesmo tempo preservar os princípios básicos da formação científica de qualidade, a saúde precisa ser resguardada, pois pode ser afetada por essas mudanças. Os desafios dos novos tempos, tecnologias e a virtualidade acelerada, gerada para além da pandemia, nos coloca outro desafio bastante específico, que é o de pensarmos nossas práticas em novos contextos, pois a psicologia é uma profissão historicamente constituída na presencialidade e nas relações interpessoais.

Corroborar-se com vários estudiosos que fazem pesquisas nacionais e tem mostrado que há muitos contrastes na qualidade de cursos presenciais e cursos à distância, desde a mercantilização da formação e a percepção social que compromete a equidade desta modalidade ao compara-se ao ensino tradicional (Pereira, et al., 2017; Souza, et al., 2016; Godoi, 2016; Martins, et al.; 2013; Alves, 2011).

Indica-se no parecer de nº 9/2020 CNE/MEC as recomendações de condições para realização de atividades pedagógicas não presenciais de forma mais abrangente a cursos que ainda não se organizaram na modalidade a distância. Há também a orientação de que o atendimento ao público ocorra dentro das normas de segurança editadas pelas autoridades públicas e com amparo em referências internacionais (Brasil, 2020b).

Aponta-se também a Portaria MEC nº 343/2020, a qual autorizou, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais em andamento, por aulas que utilizassem meios tecnológicos, condição vetada às práticas profissionais de estágio e laboratório (Brasil, 2020c).

Ressalta-se, ainda, que as recomendações contidas no parecer nº 9/2020 CNE/MEC direcionadas à educação superior permitem adotar a substituição de atividades, disciplinas, relacionadas à avaliação, processo seletivo, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e aulas de laboratório presenciais por não presenciais em atividades práticas em conformidade com a realidade local. Para além disso, fala-se da adoção de oferta na modalidade a distância ou não presencial para disciplinas teórico-cognitivas dos cursos da área de saúde, independente do período em que sejam ofertadas.

Observa-se a necessidade de reorganização dos ambientes virtuais de aprendizagem e outras tecnologias disponíveis nas universidades, bem como a realização de atividades para atendimento do disposto nos currículos de cada curso, de forma *on-line* síncronas (ao vivo) ou assíncronas, a partir da disponibilidade tecnológica e de mídias sociais de longo alcance (*Whatsapp, Facebook, Instagram* etc.) para estimular e orientar os estudos e projetos.

Mostrou-se, que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), defendem a presencialidade dos estágios considerando que os processos de ensino-aprendizagem pressupõem uma formação baseada na troca de experiências, convivência e diálogo, além de práticas colaborativas fundamentalmente presenciais. Defendem ainda que o conjunto de requisitos e soluções que formam a identidade profissional não se adquire por meio de ensino à distância, uma vez que o contato com as diferentes culturas e experiências entre docentes, estudantes e a comunidade se aprende com presença (CFP, 2020).

Aponta-se a presencialidade normatizada no parecer CNE/CES nº 1.071, de 4 de dezembro de 2019, artigo 3º, sendo construídas de forma coletiva e democrática, contudo, o documento aguarda ainda a homologação do MEC.

Pode-se, de acordo com o CFP e ABEP (2020), aplicar instrumentos aprovados pelo Conselho no decorrer da pandemia. Santos (2020) propõe uma reflexão diante à crise contemporânea do novo coronavírus e sobre o que podemos aprender com ela. Todas as pandemias são geradoras de forte impacto social, econômico e político (Maia & Dias, 2020).

Acredita-se que tal experiência ficará na história e vai marcar profundamente toda a geração, pois vivemos um momento de grande preocupação e grave crise política, onde as instituições públicas estão sob ameaça. Além disso, Santos (2020) considera a rearticulação entre processos políticos e civilizatórios uma saída para as sociedades se adaptarem ao futuro, com vistas a evitar que surjam novas pandemias tão ou mais letais quanto a atual.

Evidencia-se que uma recessão global iminente tenha consequências drásticas no financiamento da educação e outros serviços públicos, bem como na vida e nos meios de subsistência das pessoas (Unesco, 2020).

Conclui-se, portanto, que é preciso investir na preservação dos recursos humanos, na continuidade dos processos educativos híbridos, na ampliação da cobertura e ao acesso à internet, aliadas à facilidade de obtenção de dispositivos eletrônicos, mesmo ou enquanto retornem com segurança as aulas presenciais.

4. Considerações Finais

Considera-se que a educação é uma das áreas mais impactadas pela pandemia, salva em parte pelo uso de tecnologias. Novas ferramentas e modo de emprego passam a endossar a forma de conceber o trabalho, as rotinas dentro de casa, o ensino e a aprendizagem, deslocando-as para locais híbridos ou virtuais, entre instituições familiares e ocupacionais. O *home office* sem estrutura física adequada pode ser precário, o isolamento e a convivência virtual, para muitos, afetaram as rotinas.

Descreve-se que alguns fatores revelam uma realidade de exposição às diversas consequências na qualidade de vida e nos impactos significativos nesse processo, principalmente na forma como viveremos e trabalharemos, apurando o nosso olhar e estratégias como profissionais da educação, considerando o momento presente, incertezas, tecnologias, popularização do *Whatsapp*, redes sociais e o massivo acesso à internet.

Evidencia-se que todos (as) os (as) envolvidos (as) nesse contexto precisam solucionar questões que ainda não conhecem, pois a educação e a pandemia têm trazido dinâmicas ainda em construção, para interpretações capazes de atender demandas atuais e futuras de nossa sociedade. Esta que precisa se mobilizar para que sigamos defendendo as instituições “ainda” públicas, a exemplo das nossas universidades e do Sistema Único de Saúde (SUS), que foram e são essenciais no combate a crises com essa dimensão.

Destaca-se que, retomar as atividades na universidade não é só implementar aulas à distância, não é somente passar os conteúdos. É sobretudo repensar as dinâmicas de pessoal, espaços e equipamentos de proteção individual e coletiva, adequando as questões sanitárias e os investimentos na saúde e nas pessoas. Além disso, é preciso que a universidade disponha de ferramentas e capacite técnicos (as), docentes e estudantes para o uso adequado das tecnologias digitais adaptadas para o curso, verificando e abrangendo as demandas inclusivas.

Reflete-se que estamos vivenciando um grande experimento sobre o sujeito e sua capacidade de aprender com essa experiência, um campo rico para o debate, construção de dinâmicas, métodos e conteúdos voltados para a academia. Tudo isso com o grande auxílio da área da psicologia, enquanto facilitadora da ciência do comportamento humano, dotadas de habilidades técnicas, teóricas e práticas para atuar em situações de crise, em novos espaços aos quais somos orientados a nos confinar.

Acredita-se que, discutir os efeitos do fenômeno global em questão requer muita sabedoria e discernimento para enfrentar o medo de perder as pessoas amadas e a sensação de impotência perante os acontecimentos, que poderiam ser contornados a partir da testagem e vacinação em massa. Só assim se conseguirá fazer uma avaliação real dos impactos deste momento para educação, a médio e longo prazos. Impactos esses que podem interferir no compromisso do desenvolvimento educacional, na motivação e na importância e garantias para a formação superior – principalmente se considerarmos o momento político e as populações mais vulneráveis, como é o caso do Brasil.

Contribui-se ao analisar as situações específicas para o futuro da educação e as possibilidades para reestruturação permanente, envolvendo os cursos de graduação, gestores, docentes, técnicos e estudantes, juntos aos documentos da área, que recomendam as diretrizes e permitem avaliar a experiência vivida por todos. Permitindo compreender aquilo que foi aplicado, bem como aquilo que deu certo, e abandonar o que não deu certo – além da verificação de novas ocorrências que não foram percebidas, pois não basta ter apenas um bom equipamento e uma boa internet.

Destaca-se ainda que diante da dignidade envolvida em situações de bravura dos profissionais de saúde, sem as políticas que valorizem a coisa pública, ficamos reféns dos discursos da assistência, qualidade e da lógica neoliberal, o que tem efeitos diretos sobre o funcionamento das instituições e a saúde da população que delas dependem. Quanto às questões epidemiológicas e das medidas não-farmacológicas para o ensino, essas parecem surtir bastante efeitos no controle do contágio

da Covid-19; dentre elas o fechamento das escolas, suspensão das atividades presenciais e a implementação do ensino remoto, até que se avance para o retorno presencial.

Conclui-se, por ora, que os achados desta pesquisa podem contribuir com informações e reflexões sobre como os (as) estudantes do curso de psicologia se percebem diante da situação de pandemia, bem como com a ressignificação de sua vivência acadêmica e as reflexões sobre a possibilidade de retorno às atividades presenciais. Por fim, entende-se que o estudo apresenta algumas lacunas e que novas pesquisas são necessárias para contemplar um número maior de participantes, comparar período da pesquisa, acompanhar novas demandas, legislações e o desconhecido futuro.

Referências

- Agamben, G. et al. (2020) *Sopa de Wuhan*. Barcelona: ASPO. <https://www3.unicentro.br/defil/wp-content/uploads/sites/67/2020/05/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>.
- Alagoas. (2020a) *Decreto nº 69.705 de 24 de abril de 2020*. Estabelece medidas de contingenciamento e racionalização de gastos no âmbito do estado de alagoas, e dá outras providências. Maceió: Procuradoria Geral do Estado de Alagoas. http://www.procuradoria.al.gov.br/legislacao/boletim-informativo/legislacao-estadual/DOEAL-25_04_2020-COMPLETO.pdf/view?searchterm.
- Alagoas. (2020b) *Decreto nº 69.531, de 19 de março de 2020*. Dispõe sobre a criação do comitê de gerenciamento de impactos econômicos da crise do COVID – 19 (Coronavírus), e dá outras providências. Maceió: Procuradoria Geral do Estado de Alagoas.: <http://www.procuradoria.al.gov.br/legislacao/boletim-informativo/legislacao-estadual/DECRETO%20N-a6%2069.531-%20DE%2019%20DE%20MAR-cO%20DE%202020%20.pdf/view?searchterm>.
- Alagoas. (2021a) *Decreto nº 73.608 de 11 de março de 2021*. Altera o Decreto Estadual nº 20.747, de 26 de junho de 2012, que dispõe sobre o regime de tributação favorecida do ICMS para operações realizadas por estabelecimento comercial atacadista, e dá outras providências. Maceió: Poder Executivo. <https://www.imprensaoficial.al.gov.br/storage/files/diary/2021/03/DOEAL-2021-03-16-SUPLEMENTO-D2wAoI6qv1XXT4Rkdu5Ao-1yxX1Uki4g6uV-W50f2SSk6fJmkXc6S.pdf>.
- Alagoas. (2021b) Secretaria de Estado da Saúde. *Painel Covid-19 em Alagoas*. Maceió: SESAU. <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/painel-covid-19-em-alagoas>.
- Alagoas. (2021c). Secretaria de Estado da Saúde. *Informe Epidemiológico - Monitoramento da Emergência - COVID-19*. Maceió: SESAU. <http://www.alagoascontraocoronavirus.al.gov.br/>.
- Almeida, M., Gutierrez, L. & Marques, R. (2009) Qualidade de Vida como objeto de estudo polissêmico: contribuições da Educação Física e do Esporte. In: *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, v. 1, n. 01, p.15-22, jan./jun.
- Alves, L. (2011) Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância*, v.10, p. 83-91. <https://doi.org/10.17143/rbaad.v10i0.235>.
- Artes, A. & Unbehaum, S. (2021) As marcas de cor/raça no ensino médio e seus efeitos na educação superior brasileira. *Educação e Pesquisa*, v. 47, p. 01-23. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147228335>.
- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior - ANDIFES. (2019) *V Pesquisa nacional de perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES*. Uberlândia: ANDIFES. https://cristianoalvarenga.com/wp-content/uploads/2019/05/V-Perfil-dos-Estudantes_compressed.pdf.
- Badin, A. M. A., Pedersetti, S. & Silva, M. B. (2020) Educação básica em tempos de pandemia: tentativas para minimizar o impacto do distanciamento e manter o vínculo entre os alunos, as famílias e a escola. In: Palú, J., Schütz, J. A.& Mayer, L. (org.). *Desafios da educação em tempos de pandemia*. Rio Grande do Sul: Cruz Alta, p. 123-138.
- Brasil. (2021) Ministério da Saúde (MS). *Vacinação*. Brasília (DF). <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>.
- Brasil. (2020a) Senado Federal. *Corte de verbas da ciência prejudica reação à pandemia e desenvolvimento do país*. Brasília (DF). <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/09/corte-de-verbas-da-ciencia-prejudica-reacao-a-pandemia-e-desenvolvimento-do-pais>.
- Brasil. (2020b) Ministério da Educação (MEC). Parecer CNE/CP Nº 9/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de [...]. Brasília (DF). Parecer homologado.
- Brasil. (2020c) Ministério da Educação (MEC). *Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020*. Brasília: Ministério da Educação.
- Brasil. (2020d) Senado Federal. *Desigualdade e abusos na pandemia impulsionam cobranças por Direitos Humanos*. Brasília (DF). <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/08/desigualdade-e-abusos-na-pandemia-impulsionam-cobranças-por-direitos-humanos>.
- Brasil. (2019) Ministério da Educação (MEC). *Parecer CNE/CES nº 1.071, de 4 de dezembro de 2019*. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=139201-pces1071-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192.
- Brasil. (2018) Ministério da Educação (MEC). *Edital Nº 40, 19 de junho de 2018*. Brasília: Ministério da Educação.

- Brasil. (2016) Ministério da Saúde (MS). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*, do Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2012) Ministério da Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*, do Conselho Nacional de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (1988) *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília. https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf.
- Buss, P. M. et al. (2020) Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 12, p. 4723-4735, dez.
- Campos, A. S., Leite, E. S. & Stoppiglia, L. F. (2021) Estresse e enfrentamento religioso/espiritual entre os estudantes de psicologia. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 2, p. 14.
- Collado, C. F., Lucio, M. P. B. & Sampieri, R. H. (2013) Metodologia de pesquisa. Porto Alegre: *Penso*.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP; Associação Brasileira de Ensino de Psicologia. (2020). *Práticas e estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19: recomendações*. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Caderno-de-orientac%CC%A7o%CC%83es-formac%CC%A7a%CC%83o-e-esta%CC%81gios_FINAL2_com_ISBN_FC.pdf.
- Costa, A. B. & Nardi, H. C. (2013) Diversidade sexual e avaliação psicológica: os direitos humanos em questão. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 33, num. esp., p. 124-137.
- Cotta, R. M. M. et al. (2007) Pobreza, injustiça, e desigualdade social: repensando a formação de profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 278-286.
- Delle Fave, A. et al. (2016) Lay definitions of happiness across nations: the primacy of inner harmony and relational connectedness. *Frontiers in Psychology*, 7. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00030.
- Delle Fave, A. et al. (2013) Perceived meaning and goals in adulthood: their roots and relation with happiness. In: Waterman, A. (ed.). *The best within us: positive Psychology perspectives on eudaimonia*. Washington, DC: American Psychological Association. p. 227-248.
- Delle Fave, A. et al. (2011) The eudaimonic and hedonic components of happiness: qualitative and quantitative findings. *Social Indicators Research*, n. 100, p. 185-207. 2011.
- Duque, J. C., Brondani, J. T. & Luna, S. P. L. (2005) Estresse e pós-graduação em Medicina Veterinária. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 2, n. 3, p.134-148.
- Evans, T. M. et al. (2018) Evidence for a mental health crisis in graduate education. *Nature Biotechnol*, v. 36, n. 3, p.282-284, mar.
- Faro, A. (2013) Estresse e estressores na pós-graduação: estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. *Psic Teor Pesq.*, v. 29, n. 1, p. 51-60.
- Fernandes, L. S., Calado, C. & Araujo, C. A. S. (2018) Redes sociais e práticas em saúde: influência de uma comunidade online de diabetes na adesão ao tratamento. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3357-3368, out.
- Fleck, M. P. A., Chachamovich, E. & Trentini, C. M. (2003) Projeto WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. *Rev Saúde Pública*, Rio Grande do Sul, v. 37, n. 6, p. 793-799, 2003.
- Fleck, M. P. A., et al. (2000) Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida “WHOQOL-bref”. *Revista de saúde pública*, v. 34, n. 2, p. 178-183.
- Freire, P. (2014) *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: *Paz e Terra*.
- Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. (2020) *Biblioteca temática sobre o novo coronavírus: Informação para pesquisadores*. [S.l.]: FIOCRUZ. <https://portal.fiocruz.br/coronavirus-2019-ncov-informacoes-parapesquisadores>.
- Godoi, M. A. (2016) O perfil do estudante da Educação da Distância e se estilo de Aprendizagem. *EAD em Foco*, v. 6, n. 2, ago.
- Habermas, J. (1987) Teoria de la acción comunicativa. Madri: *Taurus*.
- Hutz, C. S. et al. Satisfação de Vida. In: Hutz, C. S. (org.). (2014) *Avaliação em Psicologia Positiva*. Porto Alegre: *Artmed*, p. 43-47.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021a) *Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. 2. ed. n. 38. [S.l.]: IBGE. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021b) *Projeção da População brasileira*. [S.l.]: IBGE. https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021c) *Panorama de Alagoas*. IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021d). *Desemprego*. [S.l.]: IBGE. <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (2019a) *Resumo técnico do censo da educação Superior 2019*. Brasília: INEP. https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (2019b) *Sinopse Estatística da Educação Superior 2019*. Brasília: INEP. https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf.

- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. (2019c). *Enade 2018 Resultados e Indicadores*. Brasília: INEP. https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/apresentacao/2019/apresentacao_coletiva_resultados_enade.pdf
- Kirchner, E. A. (2020) Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: Palú, J., Schütz, J. A. & Mayer, L. (org.). *Desafios da educação em tempos de pandemia*. Rio Grande do Sul: *Cruz Alta*. p. 45-54.
- Landis, J. R. & Koch, G. G. (1977) The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, v. 33, n. 1, p. 33-159, mar.
- Leher, R. (2020) Darwinismo social, epidemia e fim da quarentena: notas sobre os dilemas imediatos. *Carta Maior*, 29 mar. <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Darwinismo-social-epidemia-e-fim-da-quarentena-notas-sobre-os-dilemas-imediatos/4/46972>.
- Lole, A., Stampa, I. & Gomes, R. L. R. (2020) Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia. Rio de Janeiro: *Mórua*. 279p.
- Lopes, A. O. S. & Macedo, A. P. B. (2013) Avaliação da qualidade de vida de enfermeiros da atenção básica. *InterScientia*, v. 1, n. 3, p. 16-27.
- Madureira, Â. M. S. (2015) *Doenças emergentes e reemergentes na saúde coletiva*. Montes Claros: Ministério da Educação.
- Maia, B. R. & Dias, P. C. (2020) Ansiedade, depressão e estresse em estudantes: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 37, p. 01-08.
- Macedo, K. B. et al. (org.). (2016) *Organização do trabalho e adoecimento: uma visão interdisciplinar*. Goiânia: PUC. <https://ergonomiaatividadecom.files.wordpress.com/2017/05/livro-organizac3a7c3a3o-do-trabalho-e-adoecimento.pdf>.
- Makuch, D. M. V. & Zagonel, I. P. S. (2017) A integralidade do Cuidado no Ensino na Área da Saúde: uma Revisão Sistemática. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p.515-524.
- Martins, R. X. et al. (2013) Por que eles desistem? Estudo sobre a evasão em cursos de licenciatura a distância. Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, 10. Belém/PA, 11-13 jun. *Anais...* http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/3127/1/EVENTO_Porque%20eles%20desistem.pdf.
- Minayo, M. C. S. & Sanches, O. (1993) Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, v. 9, n.3, p.239-262.
- Nascimento, A. K. C. (2017) Religiosidade, espiritualidade e psicoterapia na formação acadêmica do psicólogo. *Tese* (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura - UNESCO. (2020) *A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19*. Paris: UNESCO. <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. (2020) *Declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus*. OMS. <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. (2002) Cuidados inovadores para condições crônicas: componentes estruturais de ação: *relatório mundial* Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. (1998) *Promoción de la salud: glosario*. Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde - OMS. (1993) *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. Porto Alegre: *Artes Médicas*, OMS.
- Palú, J., Schütz, J. A. & Mayer, L. (2020) Desafios da educação em tempos de pandemia. Rio Grande do Sul: *Cruz Alta*. p. 123-138.
- Prado, M. A. M. & Machado, F. V. (2017) Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: *Cortez*.
- Pereira, M. F. R., Moraes, R. A. & Teruya, T. K. (org.). (2017) *Educação à distância (EAD): reflexões críticas e práticas*. Uberlândia: *Navegando*.
- Prychodco, R. & Bittencourt, Z. Z. L. C. (2019) Redes sociais sobre Transtorno do Espectro Autista no Facebook como suporte interpessoal: implicações nos processos de governança em saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Campinas, v. 13, n. 4, p. 803-816.
- Ramal, A. (2020) *A Educação em tempos de pandemia: realidade e desafios*. <http://andreamal.com.br/educacao-em-tempos-de-pandemia-realidade-e-desafios>.
- Rambo, N. F. (2020) A Educação em rede em época de pandemia e pós-pandemia: por uma vida mais solidária e de acolhimento, para as epidemias e crises se repetirem menos! In: Palú, J., Schütz, J. A. & Mayer, L. (org.). *Desafios da educação em tempos de pandemia*. Rio Grande do Sul: *Cruz Alta*. p. 107-122.
- Rigo, R. M., Moreira, J. A. M. & Trindade, S. D. (org.). (2020) *Engagement acadêmico no ensino superior: proposições e perspectivas em tempos de Covid-19*. Porto Alegre: *UFCSPA*.
- Rodrigues, B. B., Cardoso, R. R. J., Peres, C. H. R. & Marques, F. F. (2020) Aprendendo com o imprevisível: Saúde Mental dos Estudantes e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Educação Médica*. v. 44 (sup.1), p. 01-05.
- Santos, A. F. & Alves, Jr. A. (2007) Estresse e estratégias de enfrentamento em mestrandos de ciências da saúde. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 20, p. 107-116.
- Santos, A. K. G. V. et al. (2014) Qualidade de vida e alimentação de estudantes que moram na região central de São Paulo sem a presença dos pais ou responsáveis. *Rev. Simbio-Logias*. v. 7, n. 10.
- Santos, B. S. (2020) *A cruel Pedagogia do Vírus*. [S.l.]: *Almedina*.

Santos, M. P. A. et al. (2020) População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 99. p. 225-244. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>.

Schmidt, M. L. G., Januario, C. A. R. M. & Rotoli, L. U. M. (2018) Sofrimento psíquico e social na situação de desemprego. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 73-85, jun. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172018000100006&lng=pt&nrm=iso.

Silva dos Santos, G. et al. (2017) Mídia virtual como apoio aos adolescentes com doença crônica que buscam informação em saúde. *Av. enferm.* v. 35, n. 2, p. 123- 132, ago.

Silva, L. A., Petry, Z. J. R. & Uggioni, N. (2020) Desafios da educação em tempos de pandemia: como conectar professores desconectados, relato da prática do estado de Santa Catarina. In: Palú, J., Schütz, J. A. & Mayer, L. (org.). Desafios da educação em tempos de pandemia. Rio Grande do Sul: *Cruz Alta*. p. 19-36.

Silva, T. C. & Bardagi, M. P. (2016) O estudante de pós-graduação stricto sensu no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 12, n. 29, p. 683 – 714.

Souza, G., Freitas, T. G. & Biagi, C. R. (2017) A relação das mídias sociais na construção da autoimagem na contemporaneidade. *Akrópolis*, Umuarama, v. 25, n. 2, p. 117-128, jun./dez.

Souza, S., Franco, V. S. & Costa, M. L. F. (2016) Educação a distância na ótica discente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 99-113, jan./mar. 2016.

Universidade Federal de Alagoas - UFAL. (2020) Perfil socioeconômico e cultural dos(as) estudantes da UFAL: *Coleção UFAL e políticas públicas de gestão na educação superior*. Maceió: Edufal: Proest.